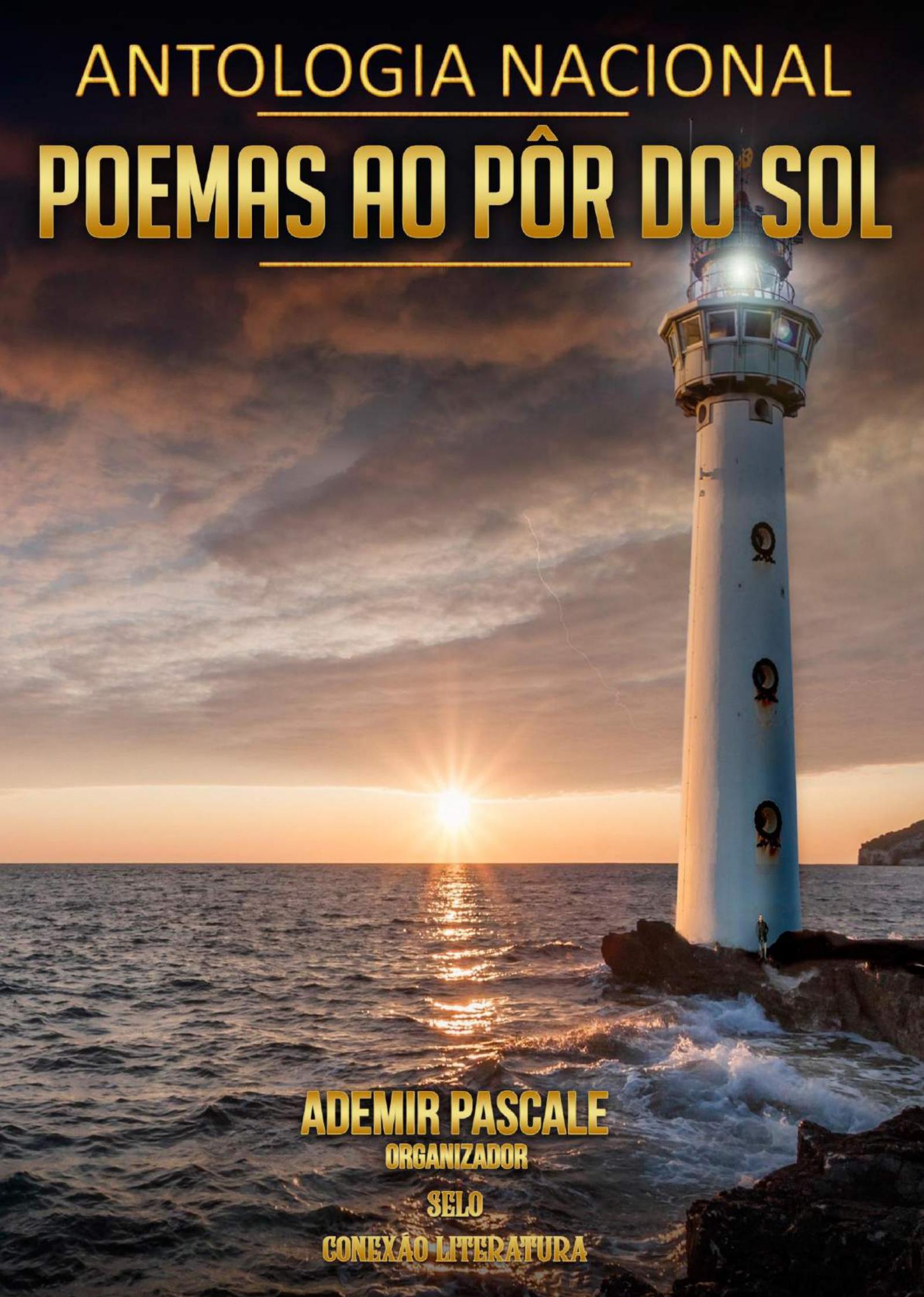


ANTOLOGIA NACIONAL

POEMAS AO PÔR DO SOL



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR
SELO
CONEXÃO LITERATURA

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura - ISSN: 2448-1068
2022
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS POEMAS

- Agonia, por Adriana Manucci, pág. 05
Identidade, por Adriana Manucci, pág. 07
Quem vai ficar com eles?, por Adriana Manucci, pág. 10
No Horizonte, a Esperança, por Ana Martins, pág. 12
Crepúsculo, por Aylton Sangy, pág. 14
Pôr do Sol com aroma de rosas, por Denise Peres Martins Rezende, pág. 17
Ciclos, por Diana Lóris, pág. 20
A educação e os processos de construção do sujeito!, por Djanira Lopes, pág. 22
Há vagar, por Djanira Lopes, pág. 24
O Sol me encontrou na cama, por Djanira Lopes, pág. 27
Quero..., por Negra Dalila, pág. 30
Professor e quadro negro, por Etelvino Pilonetto, pág. 32
Incômodo, por Fernanda Pires Sales, pág. 34
Poente, por Ray, pág. 36
Amarela, por Ray, pág. 38
Tempo, por Ray, pág. 41
Escada para o céu, por Gabriela Lauzid. K. Lins, pág. 44
Estação das docas, por Gabriela Lauzid. K. Lins, pág. 47
Abraço, por Hellen Garcia, pág. 49
Caminho, por Hellen Garcia, pág. 51
Chibatadas, por Hellen Garcia, pág. 53
Rótulos, por Jean Jentz Teixeira, pág. 55
Pôr do Sol de Teresina, por Jeany Borges e Silva Ribeiro, pág. 57
O Sol, por Lurdinha Alencar, pág. 59
Eu e ele, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 61
Exemplos da natureza, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 64
Pássaro Selvagem, por Márcio de Paiva, pág. 66
Linha do Equador, por Marcus José, pág. 68
Flor, por Pedro Mendes, pág. 70
Sou de lá..., por Regina Ruth Rincon Caires, pág. 72
Evolução?, por Rute Bittencourt, pág. 74
Meu abrigo, por Rute Bittencourt, pág. 77
A camponesa, por Lírio Reluzente, pág. 79
De vez em quando..., por Walysson Gomes, pág. 81
Mãos livres, por Walysson Gomes, pág. 83
Soneto pelo despertar da piedade, por Walysson Gomes, pág. 85
Amor ao pôr do Sol, por Wanda Rop, pág. 87
Inesquecível, por Wanda Rop, pág. 89
Aparições, por Yasmeen Pereira da Cunha, pág. 91
Em qualquer momento, por Yasmeen Pereira da Cunha, pág. 94
Perlaborar, por Yasmeen Pereira da Cunha, pág. 97
Conheça outros títulos da coleção, pág. 101

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

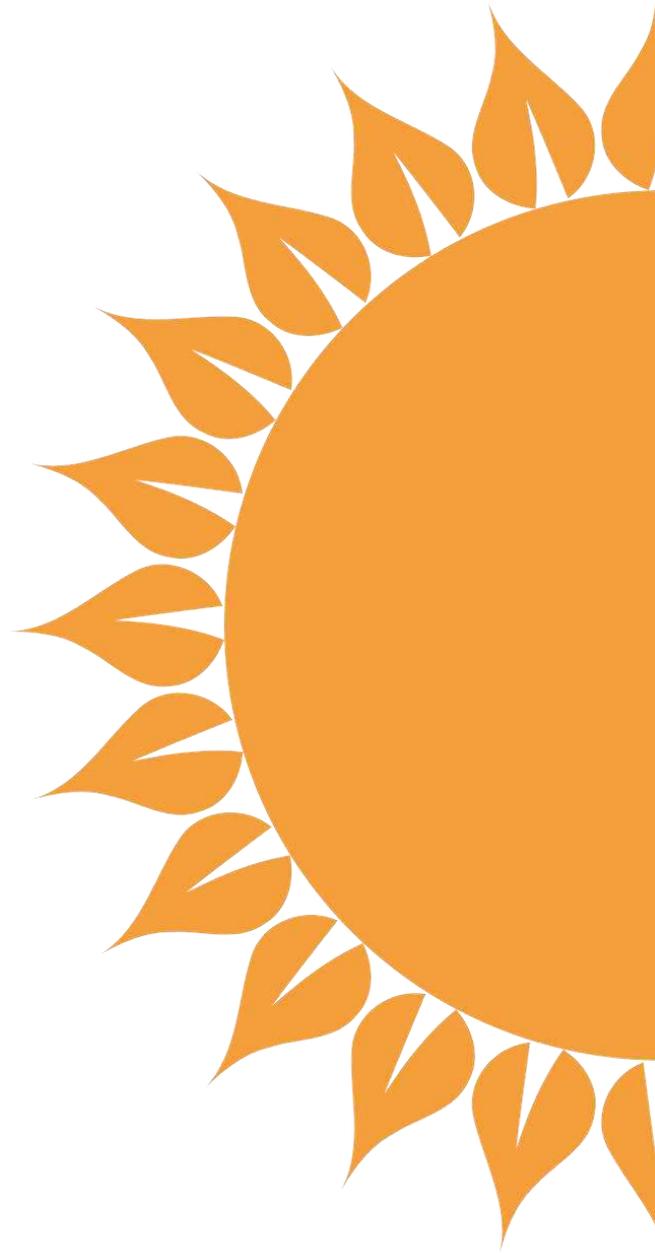
www.revistaconexaoliteratura.com.br

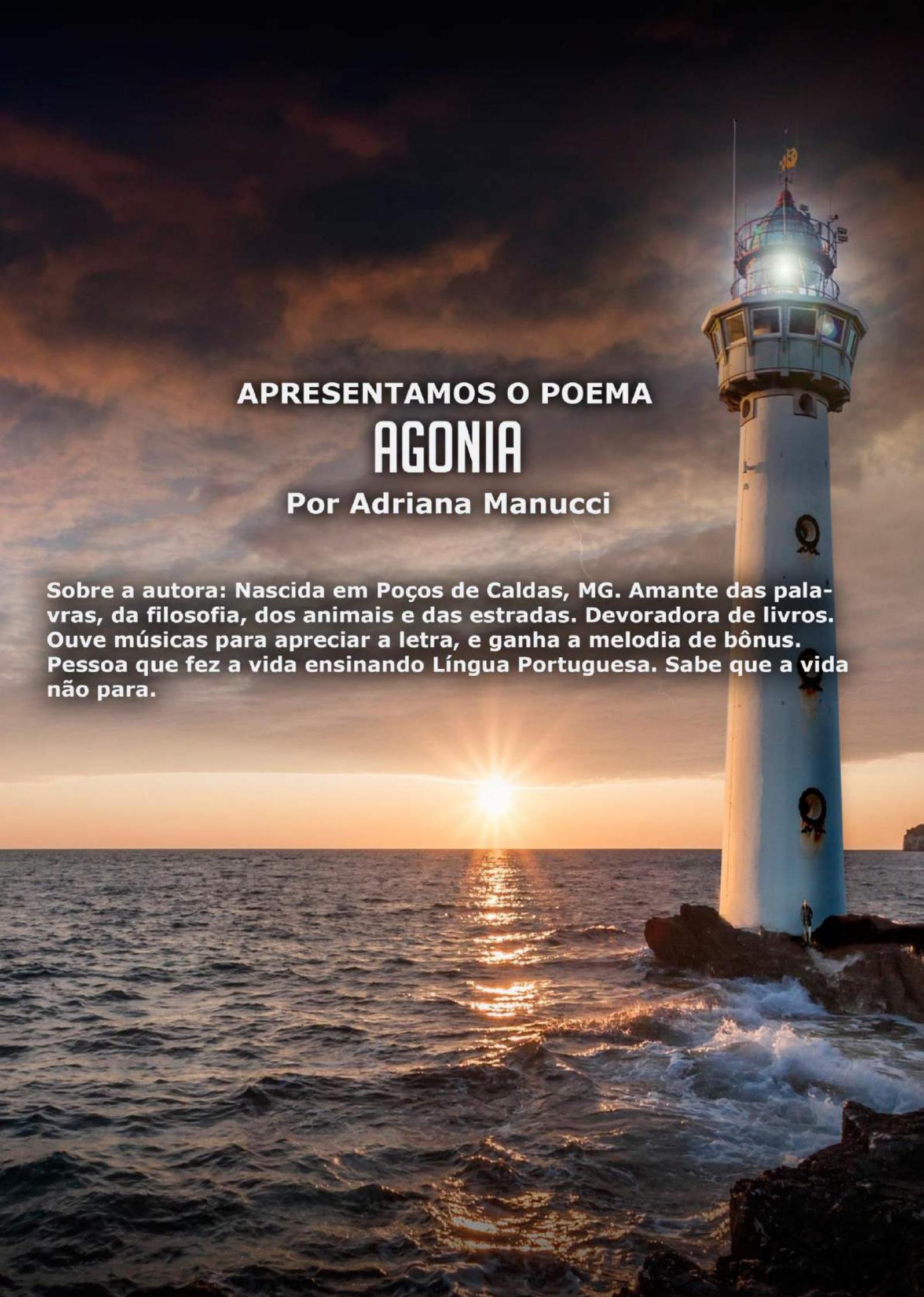
www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.facebook.com/conexaoliteratura



**Menos usa a Natureza o Amarelo
Do que qualquer outra Cor
Guarda-o todo para o Sol se pôr
Pródiga de Azul
Qual Mulher, esbanja Carmesim
O Amarelo, porém, é bem guardado
Tão escasso e tão seleta
Como as Palavras do Amado
— Emily Dickinson**





APRESENTAMOS O POEMA
AGONIA

Por Adriana Manucci

Sobre a autora: Nascida em Poços de Caldas, MG. Amante das palavras, da filosofia, dos animais e das estradas. Devoradora de livros. Ouve músicas para apreciar a letra, e ganha a melodia de bônus. Pessoa que fez a vida ensinando Língua Portuguesa. Sabe que a vida não para.

Sol

Mar

Sal

Ar.

Olha a onda

Não anda

Nada.

Mergulha

Assusta

Volta

Acorda.

Ar

Mar

Luz

Solar.

Não anda

Não volta

Acorda

Desperta

Alerta

Na praia

Deitada.

Falhei?

Não sei

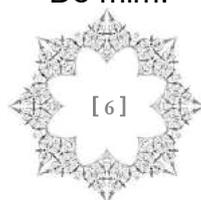
Sufoquei

Fim.

Enfim,

Lembre-se

De mim.





APRESENTAMOS O POEMA
IDENTIDADE

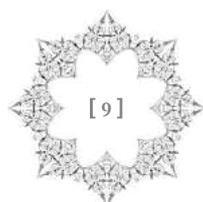
Por Adriana Manucci

Sobre a autora: Nascida em Poços de Caldas, MG. Amante das palavras, da filosofia, dos animais e das estradas. Devoradora de livros. Ouve músicas para apreciar a letra, e ganha a melodia de bônus. Pessoa que fez a vida ensinando Língua Portuguesa. Sabe que a vida não para.

Quem você seria
Se você não fosse você?
A pessoa que comete um crime
E ninguém vê?
Aquele que anda pelas ruas
Sem nem saber o porquê?
O que você faria
Se ninguém pudesse te ver?
Uma viagem ao amanhecer?
Um drink duplo ao anoitecer?
Ou algo tão impublicável
Que não posso escrever?
O que você diria
Se te deixassem dizer?
Que anda pela vida
Mesmo sem querer?
Que sofre de gula,
Mas a gula do viver?
Aonde você iria
Se pudesse não voltar?
Da areia ao fundo do mar?
Ao céu, para poder flutuar?
Ou para outro lugar,
Que não precisasse explicar?
Eu seria a brisa do dia
Que traz nova energia
Ao corpo cansado
Suado
Desanimado
E te levaria
Para uma viagem astral

Onde você se reconheceria

Vencendo a batalha final





APRESENTAMOS O POEMA
QUEM VAI FICAR COM ELES?

Por Adriana Manucci

Sobre a autora: Nascida em Poços de Caldas, MG. Amante das palavras, da filosofia, dos animais e das estradas. Devoradora de livros. Ouve músicas para apreciar a letra, e ganha a melodia de bônus. Pessoa que fez a vida ensinando Língua Portuguesa. Sabe que a vida não para.

Carentes de abraços
Sentindo-se fracos
Cheios de dúvidas
Mal resolvidos
Corações partidos
Por uma vida inteira
Com gritos de horror
Em seus pesadelos
Chorando sozinhos
Em vários banheiros
Ousando viver
Essa vida bandida
Que segrega, humilha
E paga pra ver
Órfãos do feminicídio
Sem mãe sem lar
Obrigados a adotar
Avós, tias ou se virar
Quem por eles vai orar?
Quantas culpas vão carregar?
Até um dia aceitar
Que sua mãe foi uma mulher
Que pagou com a vida
Por não se calar





APRESENTAMOS O POEMA
NO HORIZONTE, A ESPERANÇA
Por Ana Martins

Sobre a autora: Nascida no Rio de Janeiro, é formada em Pedagogia e atua no serviço público federal. É poetisa e fascinada pela arte de criar acrósticos.

Hora de parar

O pôr do sol observar

Reconhecê-lo e poetizar

Identificando seu sublime significar

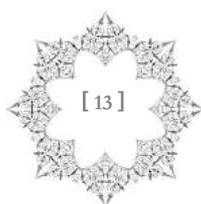
Zerar a saudade com a união

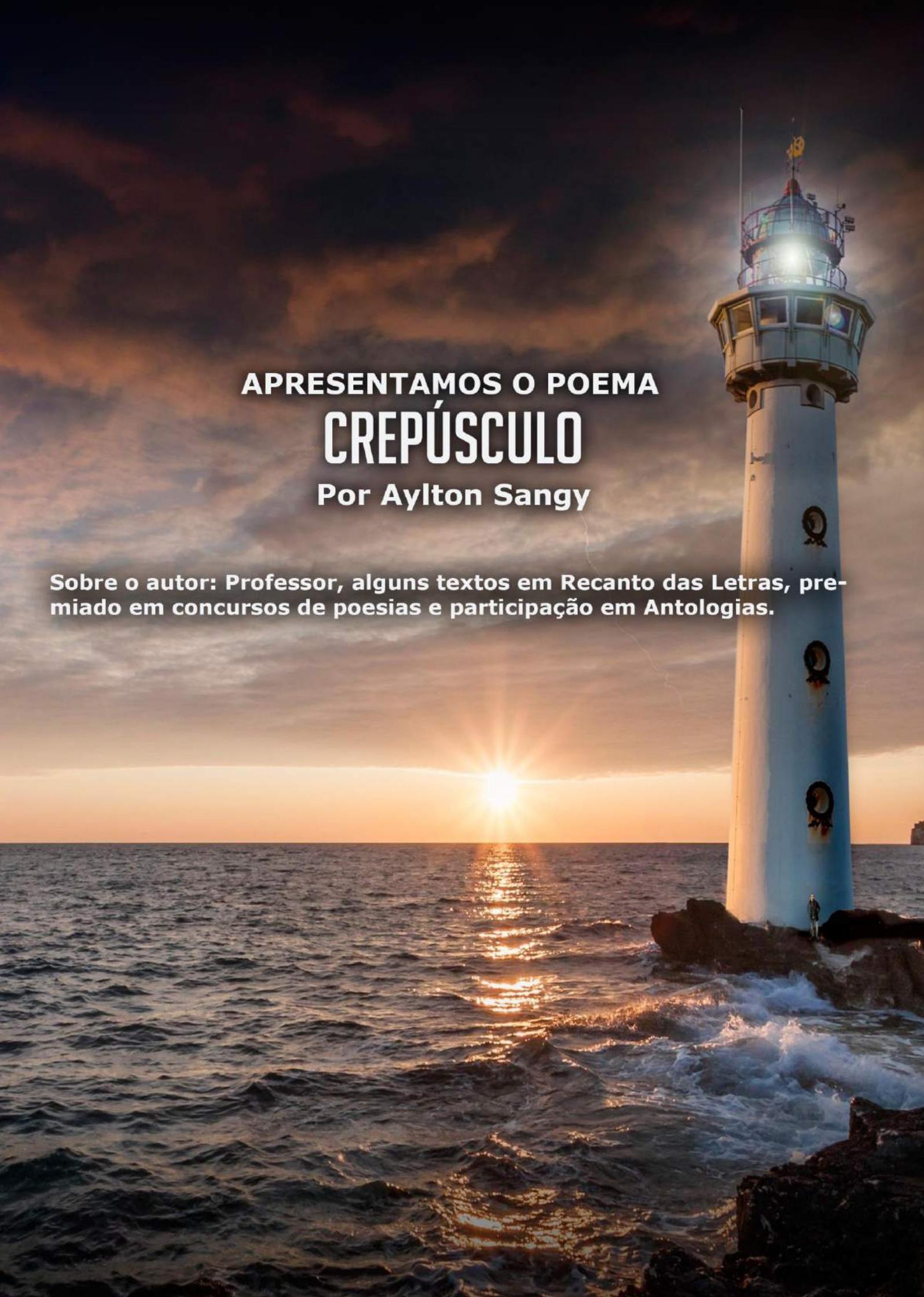
Ou alcançar o aprendizado após a incorreção

Nobre pôr do sol com sua semelhança

Traduzida em aspirar a um clarear depois da escuridão

Expressão singular de Esperança





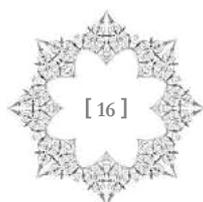
APRESENTAMOS O POEMA
CREPÚSCULO
Por Aylton Sangy

Sobre o autor: Professor, alguns textos em Recanto das Letras, premiado em concursos de poesias e participação em Antologias.

Cai a tarde
Mais um dia cai também.
Cadeiras nas calçadas, o disse-me-disse...
A tarde não pinta o crepúsculo
Quem pinta é o sol que, triste e saudoso, vai indo
Lento como a prece das seis
Pra pintar amanhã outra vez
Pássaros voam, acenando adeus
Entre praias, desertos e penhascos
E o sol, com seus raios
Agarrados à Terra firme,
Quer ficar mais entre nós, mas não dá.
A brisa vespertina, numa agonia lenta,
Tremula e murmura, em vão, seus ditongos:
- Ei!... Oi!... Ai!... part... iu!
E ela se foi... a tarde se foi sensual e encantadora
E despejou suas alegrias aos encantos da lua
A tarde seguiu o sol, surdo, soberbo e rabugento
Ela não quis ecoar
Seu clamor resmunguento.
As tardes e seus encantos esvaecem
E o horizonte como protagonista,
Como pano de fundo, bonito,
Sem as saudades e sem as lembranças,
É apenas, divinamente, o infinito.

Oh! Pedaco de Beleza
Oh! Terra de sonhos
Em nome dos devaneios
Complete nossa plateia nesta tarde
Que homenageia a despedida do sol

Tão bondoso, tão justo e gracioso
Só não deixe caírem por terra as flores
Que cobrem essa fúnebre partida.
Sol: Luz aos olhos de nossos amores.





APRESENTAMOS O POEMA
PÔR DO SOL COM AROMA DE ROSAS

Por Denise Peres Martins Rezende

**Sobre a autora: Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês),
Escritora e Estudante de Pedagogia.**

**Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. In-
vestigadora de arcaísmos/ preciosismos. Amante do imagético. Apa-
ixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos
mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável
ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de
aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a ado-
lescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.**

Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins

Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>

Quando ele passa o sol brilha,
Essa era a frase que ela sempre dizia.

A candura do sorriso dele iluminava a sala.
Por ele correria o mundo inteiro,
Bastaria um sinal para ela fazer as malas.

O arrebol ao seu lado era um momento inesquecível,
Ficava embevecida, pois seu sentimento era imperecível.

Ele era como um raio de sol extremamente aprazível,
A vida ao seu lado era uma satisfação inenarrável e irreproduzível.

O deleite do vento nos cabelos,
A mão dele em seu rosto era de arrepiar os pelos

Folhas flutuando no ar dos seus sonhos floridos,
A brisa marinha e o seu colorido.

O balanço do mar e o seu perfume,
Nenhuma distância permitiria que essa ligação fosse inume.

Ao seu lado ela passaria horas observando o formato das nuvens de algodão espalhadas
no céu.
Sentia tamanho entorpecimento de sentidos que nem percebia que já amanheceu.

Eles falavam o mesmo léxico,
Um carinho homérico.

De outras existências trouxeram um afeto inelutável,
Os incrédulos não compreenderiam esse amor inevitável.

Dentro dos seus braços era o seu verdadeiro lar,
Sua companhia era jubilar.

Uma vida separados seria dissaborida e apática,
Sua união a cada existência parecia meritocrática.

Sentarem-se juntos no banco da praia era o encontro imagético preferido,
Restavam ali por horas se entreolhando sem perceber o tempo se haurindo.

As ondas da areia indo e vindo,
Desenhando no oceano o seu destino.

O cheiro da maresia,
E uma paisagem repleta de poesia.

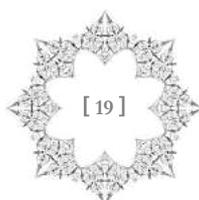
Já possuíram tantos rostos e nomes,
Mas, sempre se reencontravam, não importando o local nem o sobrenome.

Para um sentimento intangível,
E uma eternidade admissível.

Reencontro espiritual indefectível,
Inferência previsível.

Imortalidade latente,
Flama preexistente.

Ela declamava para ele sublimes poemas ao pôr do sol com aroma de rosas,
Na certeza de que até o seu próximo porvir ambos guardariam em seu subconsciente essa
afeição atemporal e esplendorosa.



A tall, white lighthouse with a blue base stands on a rocky island. The sun is setting behind the lighthouse, creating a golden glow and reflecting on the ocean. The sky is filled with dramatic, dark clouds. The lighthouse has a lantern room at the top with a bright light. There are small circular windows on the side of the lighthouse. A small figure of a person is visible at the base of the lighthouse on the rocks.

APRESENTAMOS O POEMA

CICLOS

Por Diana Lóris

Sobre a autora: Pernambucana, aos vinte e quatro anos, Diana deixou para trás o diploma em bacharel de educação física e vendeu o estúdio de pilates que era dona para poder apostar na antiga paixão e vocação de sua vida. A literatura.

Um redemoinho afoga as certezas que, por cruel divertimento, se apossaram do ego.
Do peito brota, subindo pela garganta como uma trepadeira, que seguindo o seu processo,
passa por cima das pilastras já cobertas de tempo,

Contorno amorfo do sentir.

O sinal do alarme gira na cabeça

Urgência!

Dispara, enquanto o corpo trava sob a cama, esperando por um sinal, uma certeza, que
ilusoriamente se apropria de mais um lapso de consciência.

É chegada a hora.

A realidade implora por mais um giro dos ponteiros, mais um capítulo se encerra, as
cortinas descem novamente, anunciando o final de mais uma peça, enquanto o teatro se
prepara para a próxima atração.

Mas essa turnê chega ao fim, e agora buscamos a próxima trilha sonora, o novo livro, e
vivemos o novo amanhecer, por que agora abandonamos a noite.

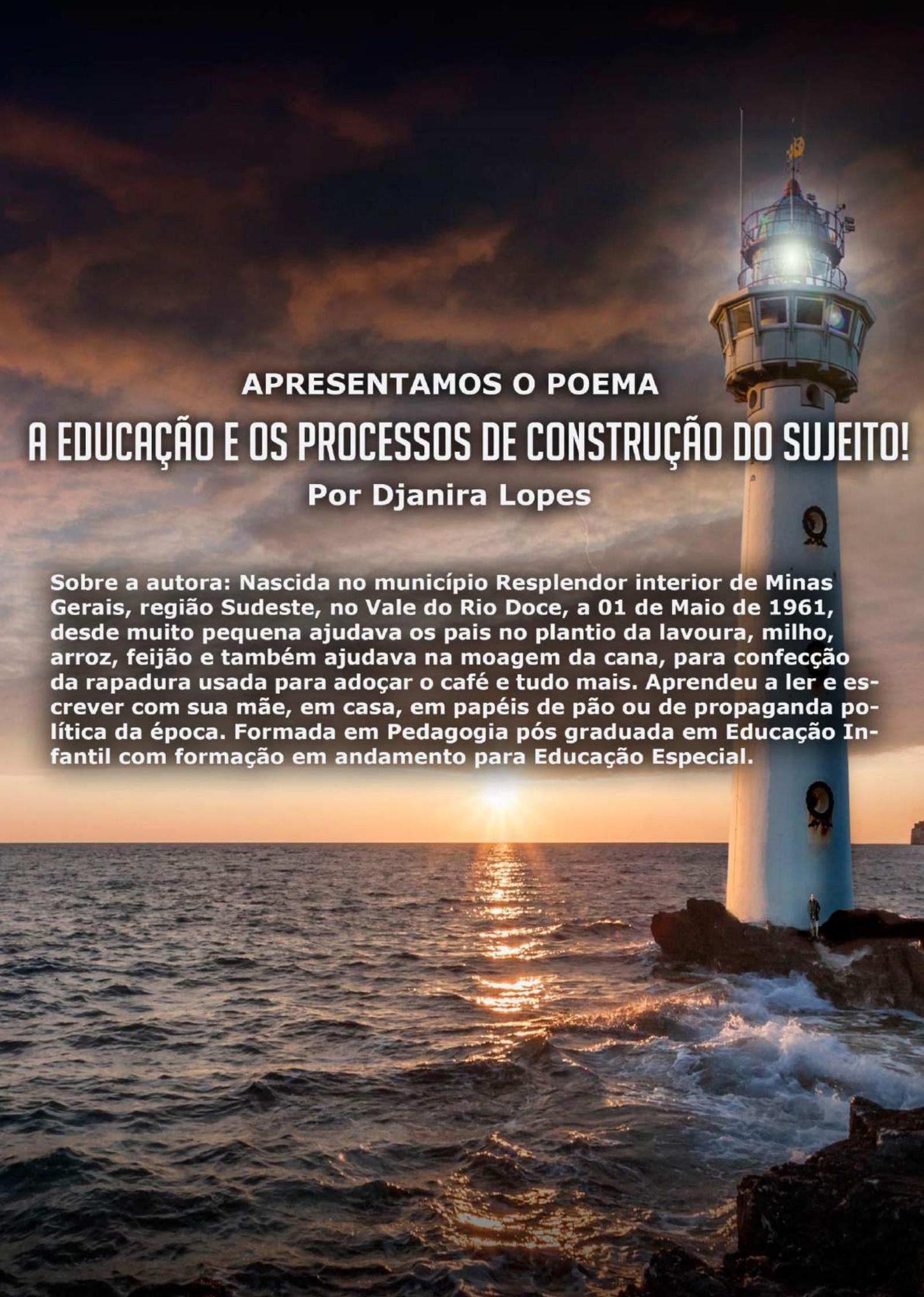
A ventania cessa, acalma os cachos, e por um tempo o sol brilhará.

Até que sem aviso, o ponteiro volta a se movimentar, e os tons dourados do dia, voltam à
prateada lua cheia.

E até que a noite se refaça, o redemoinho lancinante volta a girar no meio do peito, até que
se estabeleça uma nova mudança, entre dias e noites sem calma, sem horas, sem tempo
aparente.

Apenas começo, mudança e fim.





APRESENTAMOS O POEMA
A EDUCAÇÃO E OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SUJEITO!

Por Djanira Lopes

Sobre a autora: Nascida no município Resplendor interior de Minas Gerais, região Sudeste, no Vale do Rio Doce, a 01 de Maio de 1961, desde muito pequena ajudava os pais no plantio da lavoura, milho, arroz, feijão e também ajudava na moagem da cana, para confecção da rapadura usada para adoçar o café e tudo mais. Aprendeu a ler e escrever com sua mãe, em casa, em papéis de pão ou de propaganda política da época. Formada em Pedagogia pós graduada em Educação Infantil com formação em andamento para Educação Especial.

O que seria da humanidade, entre todos os desafios, nas idas e vindas.

Dúvidas e incertezas, curiosidades inquietudes, se não existisse alguém, alguém que dedicado eleve seu potencial em espírito dinâmico, conduzindo a muitos à busca do saber. Saber! Que construído, ao longe evoluído, despertando a consciência para o certo e o errado.

Mas o que é certo? O que é errado?

Em uma sociedade ambiciosa que prioriza o TER, nossos mestres inspirados, em ilustres do passado. Passado que se torna tão presente, pois freqüentemente estão buscando às sombras de experiências reluzentes, despertando em nossa mente, para valores significativos que elevam o sujeito.

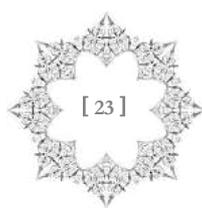
A educação e os processos de construção em que desde menino se aprende, aprende que, melhor do TER é o SER .

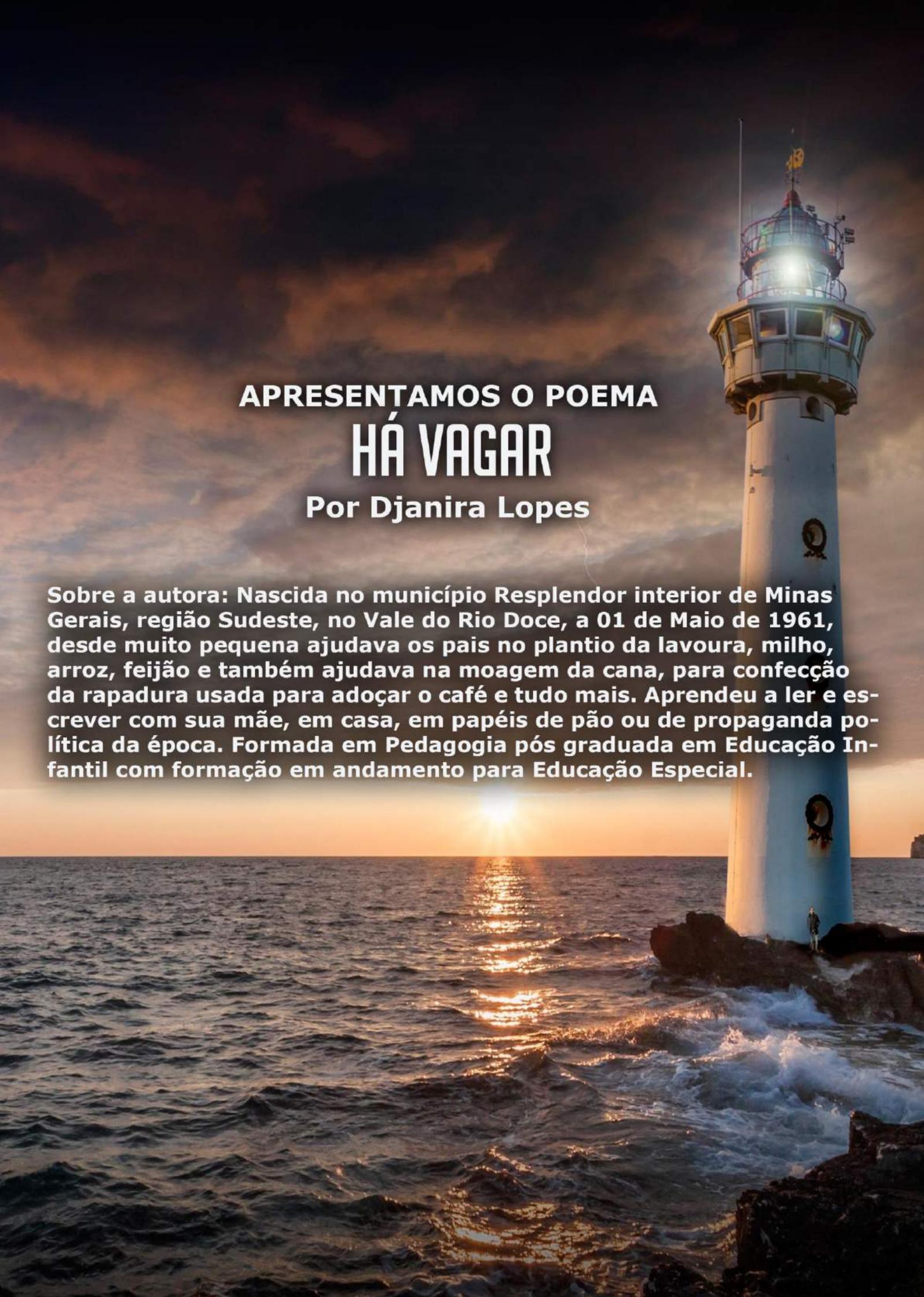
Ser cidadão comprometido, comprometido com a verdade, ainda que em nossa sociedade, muitos estejam corrompidos, impedido e obstruindo os caminhos daqueles que estão à margem. Para isso estamos aqui. Visto que filhos da Pátria somos, e da luta não fugimos.

Sejamos o reflexo do ouro valioso o qual a sabedoria supera. Para que possamos refletir no futuro o que hoje buscamos, ajudar àqueles que perdidos estão no recinto da esfera. Vai ser tarefa difícil, pois somos a maioria, maioria dos que, não nasceram em m berço esplendido, não possui nenhuma herança, mas não perde a esperança de poder contribuir para que o outro possa erguer e se constituir, elaborando novos caminhos, outros seguidores irão surgir.

Avante seguiremos, gigantes enfurecidos já não permanecem adormecidos ,

O raiar da liberdade só depende da nossa capacidade, de lutar em prol da igualdade. A decisão é nossa, é preciso ter coragem, coragem para ir além, perseguir o destino daqueles que agora não tem, o direito de ir e vir, não respeitam o seu existir, o sujeito que designado está , no processo de se construir...





APRESENTAMOS O POEMA

HÁ VAGAR

Por Djanira Lopes

Sobre a autora: Nascida no município Resplendor interior de Minas Gerais, região Sudeste, no Vale do Rio Doce, a 01 de Maio de 1961, desde muito pequena ajudava os pais no plantio da lavoura, milho, arroz, feijão e também ajudava na moagem da cana, para confecção da rapadura usada para adoçar o café e tudo mais. Aprendeu a ler e escrever com sua mãe, em casa, em papéis de pão ou de propaganda política da época. Formada em Pedagogia pós graduada em Educação Infantil com formação em andamento para Educação Especial.

Há vagar!
Existe alguém
Que em vão procura
Um amor encontrar
De repente surge alguém
Que interessante lhe convém

Há vagar!
Trocas de olhar
E sentimentos no ar
Mensagens carinhosas
E beijos, há vagar...
O sentimento perfeito
Não pode viver desse jeito
É preciso ser eleito
Promovido dentro do peito

Há vagar!
Até mesmo o luar
Que pairando no ar
Inspira os românticos

Incentivando-os a amar
Mesmo que não se concretize

Não importa
Valeu a pena, mesmo há vagar

Mais do que algo concreto

O invisível pode durar

Até mesmo: Há vagar...





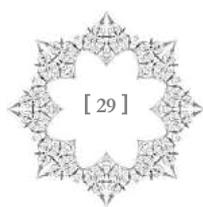
APRESENTAMOS O POEMA
O SOL ME ENCONTROU NA CAMA

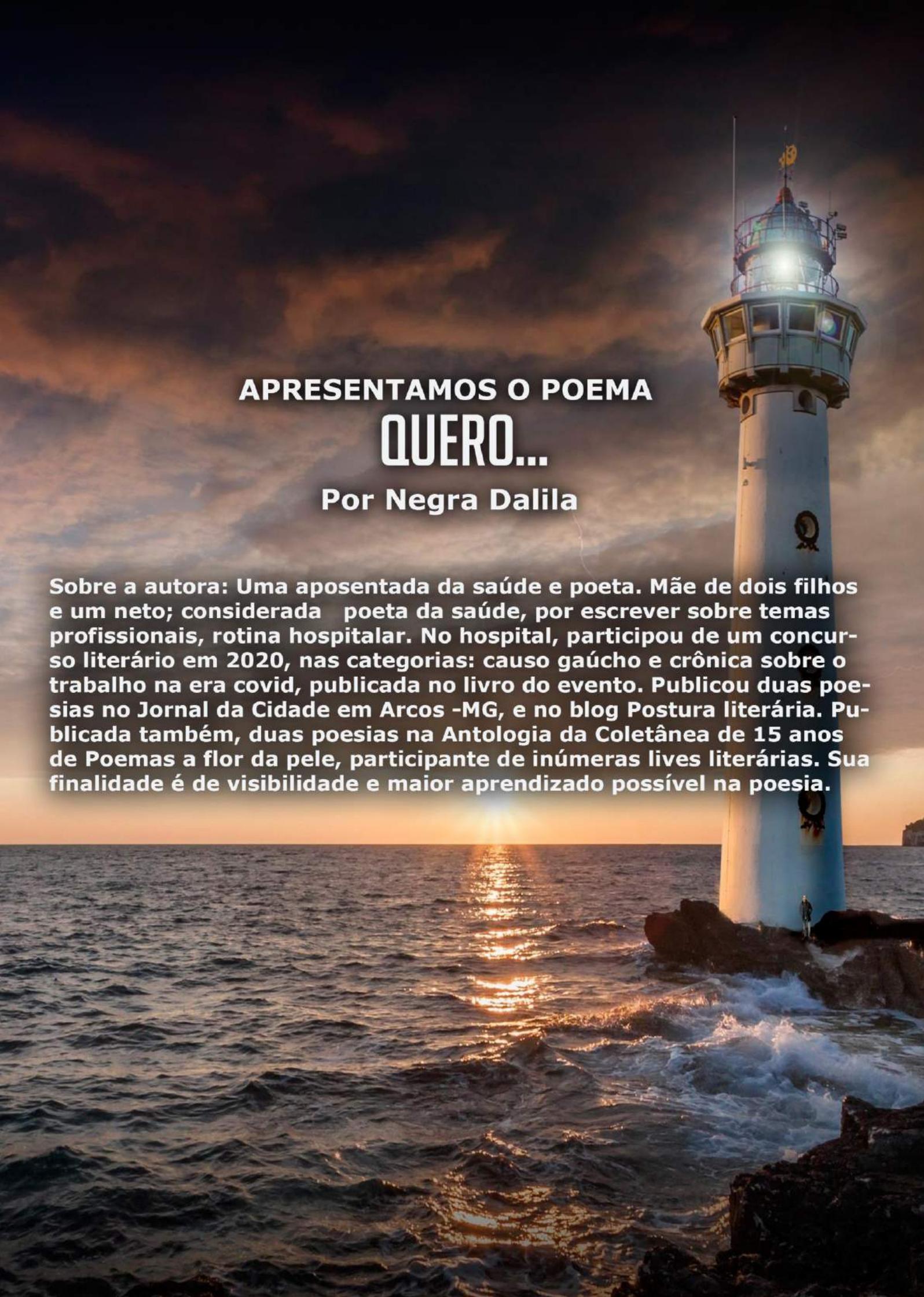
Por Djanira Lopes

Sobre a autora: Nascida no município Resplendor interior de Minas Gerais, região Sudeste, no Vale do Rio Doce, a 01 de Maio de 1961, desde muito pequena ajudava os pais no plantio da lavoura, milho, arroz, feijão e também ajudava na moagem da cana, para confecção da rapadura usada para adoçar o café e tudo mais. Aprendeu a ler e escrever com sua mãe, em casa, em papéis de pão ou de propaganda política da época. Formada em Pedagogia pós graduada em Educação Infantil com formação em andamento para Educação Especial.

O sol me encontrou na cama
Meu pensamento rolando na grama
O silêncio ouviu minha alma
Meu corpo em silêncio declama.
Ao som de uma melodia
Na paz e na calma
A natureza exaltada
Constituindo esse dia!
Não posso deter o futuro
Nem evitar o presente
Mas posso anotar a vida
Em um reflexo comovente.
Os passarinhos cantando
A natureza compõe
Os pensamentos navegam flutuam
Mesmo sem navios ou aviões!
Não sei se sou quem seria
Em outras circunstâncias vividas
Só sei que tento deixar o melhor
Em páginas talvez nunca lidas !
Os pés descalços na grama

Permitindo-me tocar o chão
O olhar perdido no espaço
Procura encontrar em vão
Algo que em outras vidas
Não deixaria espaços no coração!
Na poça d'água o reflexo
..
Da copa das árvores
E das nuvens no céu!
O sol ainda ilumina o dia
Mas a lua já enfeita o céu!
Queria dizer a Deus obrigada
Sem nada de retorno pedir
Quero elevar aos céus um louvor
Deus obrigada por meu existir!!!





APRESENTAMOS O POEMA
QUERO...

Por Negra Dalila

Sobre a autora: Uma aposentada da saúde e poeta. Mãe de dois filhos e um neto; considerada poeta da saúde, por escrever sobre temas profissionais, rotina hospitalar. No hospital, participou de um concurso literário em 2020, nas categorias: caso gaúcho e crônica sobre o trabalho na era covid, publicada no livro do evento. Publicou duas poesias no Jornal da Cidade em Arcos -MG, e no blog Postura literária. Publicada também, duas poesias na Antologia da Coletânea de 15 anos de Poemas a flor da pele, participante de inúmeras lives literárias. Sua finalidade é de visibilidade e maior aprendizado possível na poesia.

Quero...

pra sentir o vento soprar

a minha pele acariciar,

pra sentir seu cheiro no ar

Quero que o sol brilhe...

para as pessoas se alegrarem

todas crianças cantarem,

para que possam brincar.

Quero que o sol brilhe....

para meu corpo esquentar,

como dois corpos a se amar,

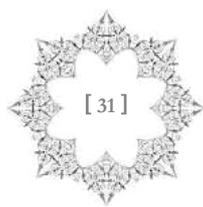
como duas mãos a se tocar.

Quero que o sol brilhe...

para nossa vida mudar

pra que a dos meus pacientes

também possam brilhar!!!

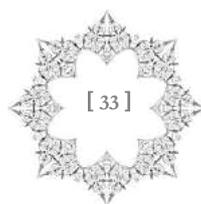


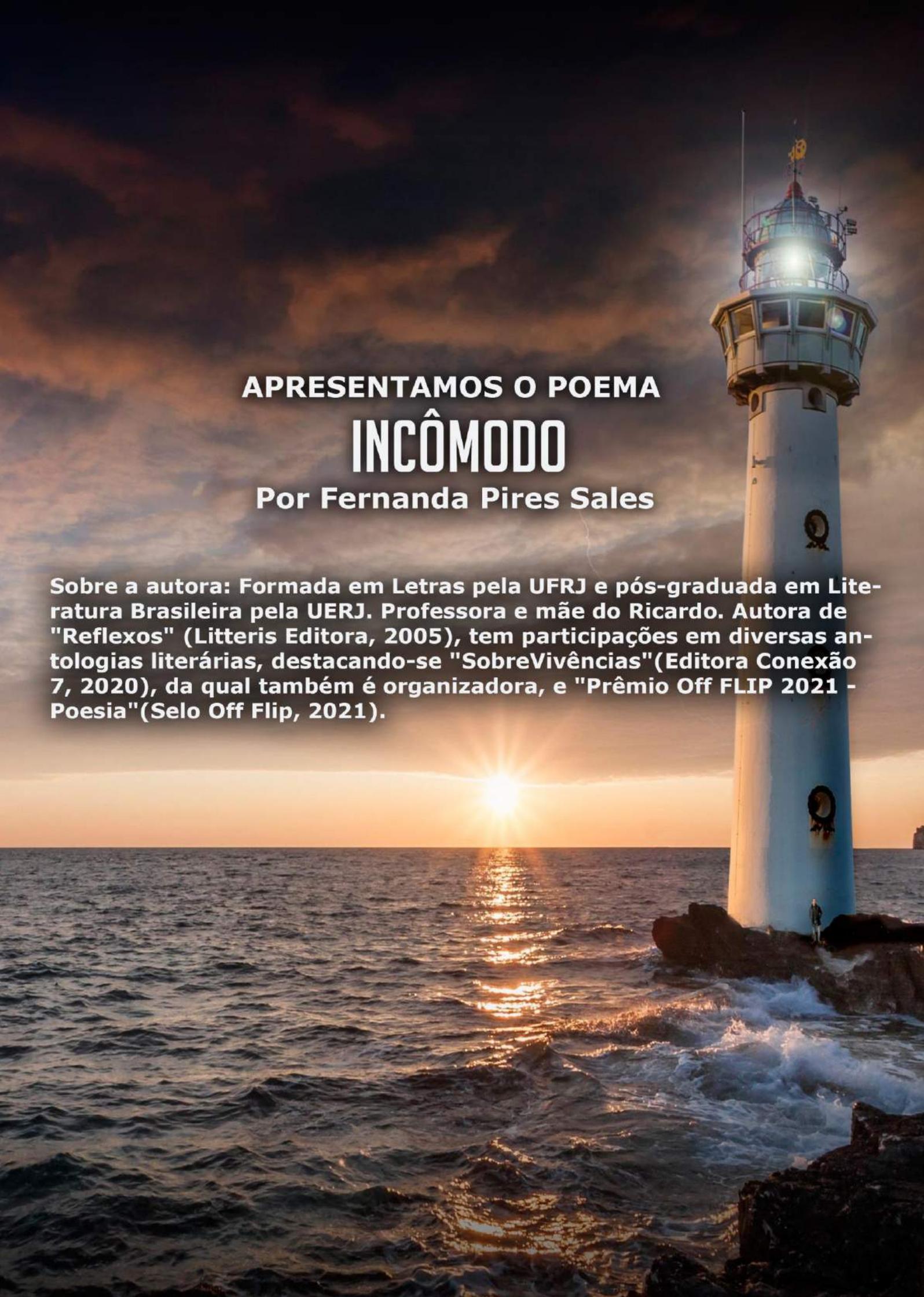
A lighthouse on a rocky island at sunset. The lighthouse is white with a blue base and a glass-enclosed lantern room at the top. The sun is low on the horizon, creating a golden glow over the ocean and sky. The water is dark with white foam from waves crashing against the rocks.

APRESENTAMOS O POEMA
PROFESSOR E QUADRO NEGRO
Por Etelvino Pilonetto

Sobre o autor: ETELVINO PILONETTO, nascido em 02/1956, natural de Rondinha/RS, reside a mais de 30 anos em Sarandi/RS, Contabilista, Bacharel em Ciências Econômicas, pela Universidade de Cruz Alta/RS, já participou de mais de quinze antologias de poesias, pela Partenon Literário (Porto Alegre), Andross Editora, Illuminare Editora, Cavalo Café, Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB), entre outras.

Quadro negro, verde, branco.
Lousa interativa, moderna,
Ou, simplesmente, quadro.
Escrito com giz, verde, azul ou branco.
Dedos sujos de giz,
Mãos e dedos manchados de tinta, azul, verde ou vermelha.
Em frente a um quadro qualquer.
Sala de aula mal iluminada.
Em casa, mas conectado.
Dentro do quarto, na sala, ou na cozinha,
Explicando matemática, química, física, história,
Português, gramática ou geografia.
Só as paredes como ouvintes,
Aulas, explicação solitária, gravação
Para aos alunos repassar,
Conexões internet,
Conexão, professor, aluno e escola.
Pandemia em ação.





APRESENTAMOS O POEMA
INCÔMODO
Por Fernanda Pires Sales

Sobre a autora: Formada em Letras pela UFRJ e pós-graduada em Literatura Brasileira pela UERJ. Professora e mãe do Ricardo. Autora de "Reflexos" (Litteris Editora, 2005), tem participações em diversas antologias literárias, destacando-se "SobreVivências" (Editora Conexão 7, 2020), da qual também é organizadora, e "Prêmio Off FLIP 2021 - Poesia" (Selo Off Flip, 2021).

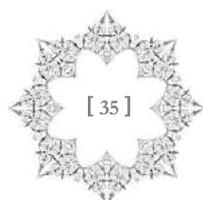
Sim, senti ao vê-lo se aproximar.
Pensei em minha paz de espírito,
Em matar a fome vespertina
A despeito da necessidade que o trouxera.

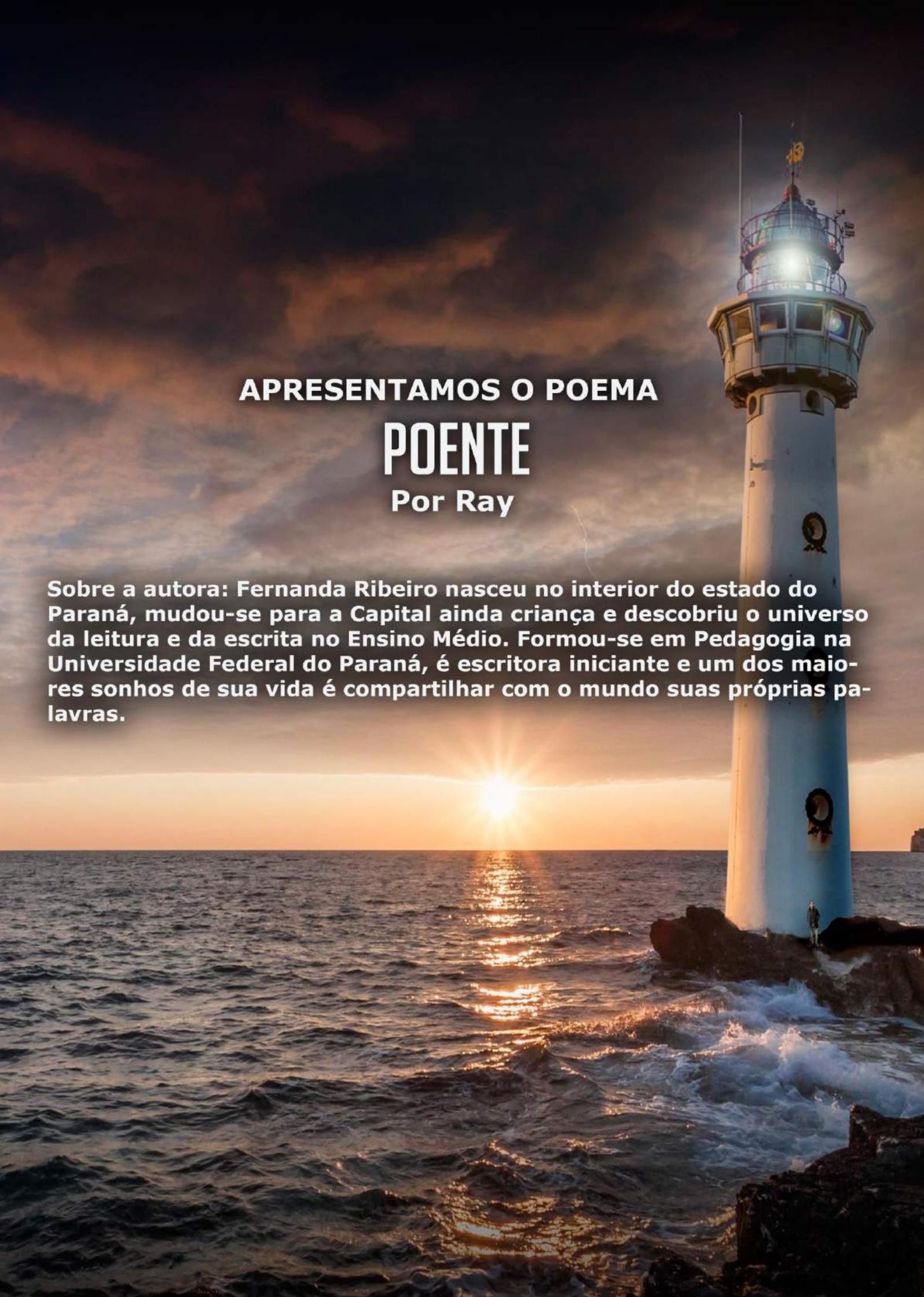
Praça de alimentação, *fast food*
Reduto do capitalismo selvagem
Que apetece quem vive de consumir
E se esvai em desumanidade.

Meu prato ficara frio,
A comida perdera o sabor.
Um nó na garganta me reclamava
Menos pesares, mais ações.

Mas o menino já ia longe...
Enxotado pelo segurança,
Seguia à margem da ilha de gente,
Fadado à negação de míseros trocados.

Afinal, qual o preço da dignidade?
Enquanto um sai de cena, entram mais cinco
Em meio à indiferença dos comensais,
Do pseudo luxo em restos de comida nas bandejas.



A tall, white lighthouse with a blue base stands on a rocky island. The sun is setting on the horizon, creating a golden glow over the ocean. The lighthouse has a lantern room at the top with a light glowing. The sky is filled with dark, dramatic clouds. The water is dark with white foam from waves crashing against the rocks.

APRESENTAMOS O POEMA

POENTE

Por Ray

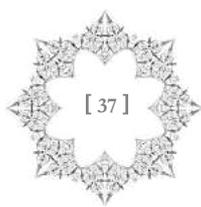
Sobre a autora: Fernanda Ribeiro nasceu no interior do estado do Paraná, mudou-se para a Capital ainda criança e descobriu o universo da leitura e da escrita no Ensino Médio. Formou-se em Pedagogia na Universidade Federal do Paraná, é escritora iniciante e um dos maiores sonhos de sua vida é compartilhar com o mundo suas próprias palavras.

O sol
aquece
a vida.

A lua
Ilumina
o desconhecido.

Entre o dia
e a noite
uma tênue linha
no horizonte.

Pôr do sol.



A tall, white lighthouse with a blue-tinted top section stands on a rocky island. The sun is setting on the horizon, creating a golden glow and reflecting on the dark, choppy water. The sky is filled with dramatic, dark clouds. The lighthouse has a small figure of a person at its base for scale.

APRESENTAMOS O POEMA

AMARELA

Por Ray

Sobre a autora: Fernanda Ribeiro nasceu no interior do estado do Paraná, mudou-se para a Capital ainda criança e descobriu o universo da leitura e da escrita no Ensino Médio. Formou-se em Pedagogia na Universidade Federal do Paraná, é escritora iniciante e um dos maiores sonhos de sua vida é compartilhar com o mundo suas próprias palavras.

Você olha o horizonte
e encontra a saudade.
Você vê o mar
e sente falta.

Não há mais aliança
nos dedos enrugados,
nem alguém à sua esquerda
para fazer companhia.

Ela costumava caminhar na praia
todos os fins de tarde;
Colocava os pés na areia,
apreciando o vento.

O calor do verão
as ondas azuis quebrando
o cheiro de maresia
e as nuvens viajando.

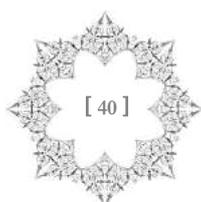
O tempo voa
como as gaivotas no céu.
O tempo passa
como um eremita buscando uma nova casa.

O castanho tornou-se grisalho
e as rugas no canto dos olhos

marcaram o início
do inevitável fim.

Você amou a mesma pessoa
por quarenta anos dourados
que acabaram
num piscar de olhos.

Agora
tudo que resta
é olhar o pôr do sol
e lembrar-se dela.



A tall, white lighthouse with a blue base stands on a rocky island. The sun is setting on the horizon, casting a golden glow over the ocean and the sky. The lighthouse has a lantern room at the top with a light glowing. The sky is filled with soft, orange and yellow clouds. The water is dark with white foam from waves crashing against the rocks.

APRESENTAMOS O POEMA

TEMPO

Por Ray

Sobre a autora: Fernanda Ribeiro nasceu no interior do estado do Paraná, mudou-se para a Capital ainda criança e descobriu o universo da leitura e da escrita no Ensino Médio. Formou-se em Pedagogia na Universidade Federal do Paraná, é escritora iniciante e um dos maiores sonhos de sua vida é compartilhar com o mundo suas próprias palavras.

Sol. Areia. Mar. Praia.
O calor está excessivo
então todos se amontoam
debaixo dos guarda-sóis coloridos.

Menos as crianças
em suas roupas de banho
correndo de um lado para o outro
ignorando a temperatura.

A orla está lotada
espreguiçadeiras, cadeiras e castelos de areia
a água está boa e calma
alívio para os banhistas.

Uma tenda vizinha coloca música alta
noutra, um bebê chora
ao seu lado, seu marido reclama
da cerveja não gelada.

Conversas altas, conversas simples
gargalhadas e risadas
exceto um primo de terceiro grau
olhos fixos do celular.

Algumas pipas cortam o céu
disputando espaço com os pássaros

agitadas pelo vento
e por quem puxa as linhas.

A moça do bar
traz frutos do mar e petiscos gordurentos
os homens aproveitam
as mulheres estão de dieta.

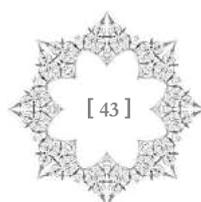
Passa o carrinho de coco verde
e o senhor com algodão doce
a alegria da criança
sempre será o sorveteiro.

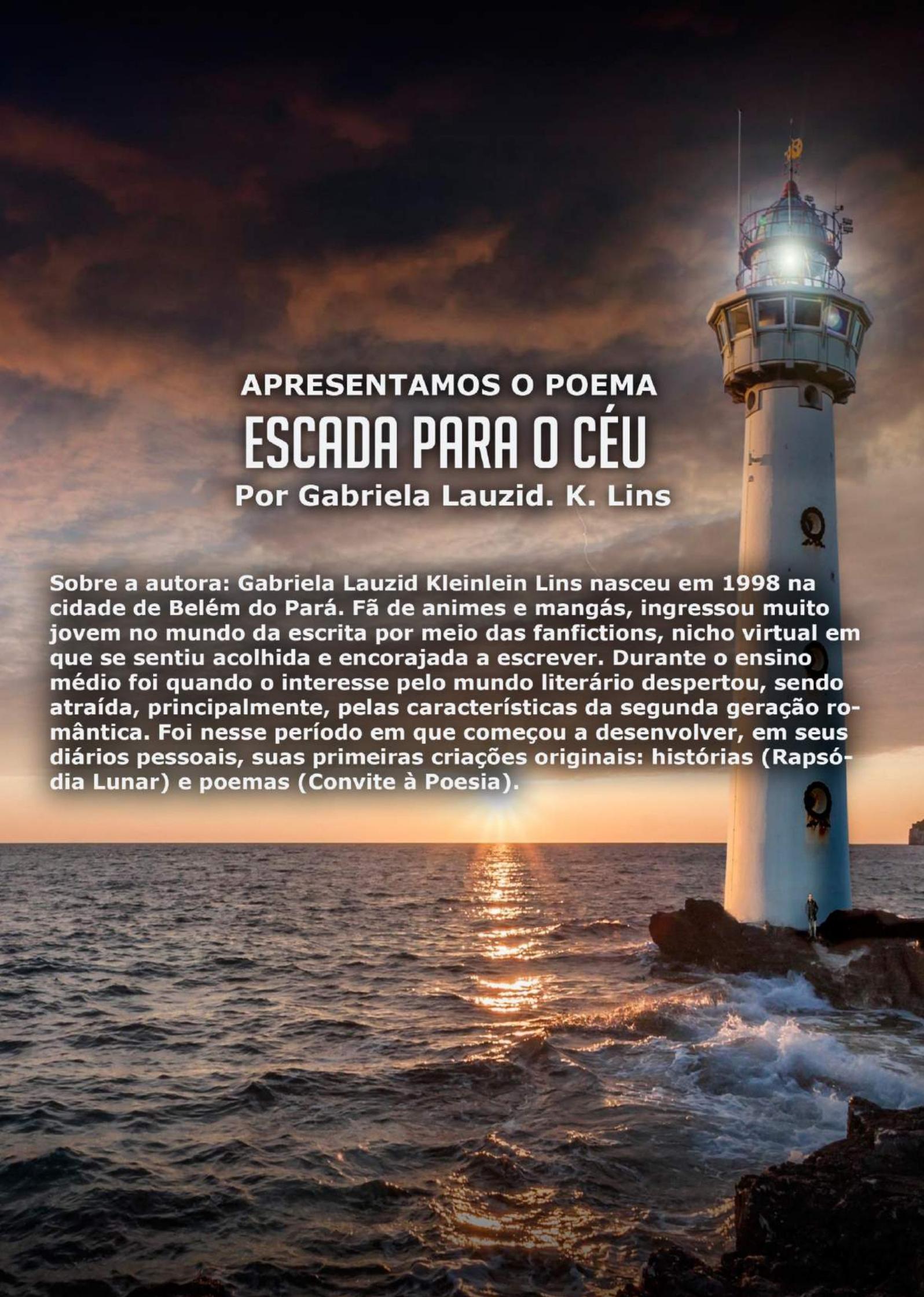
A dia termina
o tempo voa
o fim de semana está acabando
para infelicidade dos adultos.

Amanhã todos voltam para a cidade
numa viagem tediosa
retornar à realidade
de pessoa trabalhadora.

E você
que pegou este livro
para se distrair
percebeu a verdade.

Precisa de férias da sua família.





APRESENTAMOS O POEMA
ESCADA PARA O CÉU
Por Gabriela Lauzid. K. Lins

Sobre a autora: Gabriela Lauzid Kleinlein Lins nasceu em 1998 na cidade de Belém do Pará. Fã de animes e mangás, ingressou muito jovem no mundo da escrita por meio das fanfictions, nicho virtual em que se sentiu acolhida e encorajada a escrever. Durante o ensino médio foi quando o interesse pelo mundo literário despertou, sendo atraída, principalmente, pelas características da segunda geração romântica. Foi nesse período em que começou a desenvolver, em seus diários pessoais, suas primeiras criações originais: histórias (Rapsódia Lunar) e poemas (Convite à Poesia).

Quando a última fibra da Samaúma
Desaparecer em sua própria existência
A nova estação sentirá sua ausência
E com lágrimas, preencherá a lacuna

A Lua contou as estrelas, uma a uma
E dentre elas, destacou-se a Inocência.
Era ela, doce estrela, que por carência
Desejava descer pela Samaúma.

Então a teimosia cintilante, à terra, ruma
Com os olhos cheios pela aparência.
Maravilhada, entregou-se em complacência.
Todavia, beleza não é sinônimo de fortuna.

A Inocência desceu pela Samaúma,
E na terra conheceu a maliciosa Decadência.
Que infortúnio! Roubada fora sua essência.
E pelo solo restou, perdida, a filha de Luna.

Decadência, então, dominado pelo assombro
Ao sentir a fúria da Lua sob seu ombro
Proferiu mil pedidos ralos de perdão sonso.

A Lua ergueu-se por detrás dos escombros
Amaldiçoando a terra: “monstros... Monstros...”.
E num ato de ódio, pôs-se à confronto.

“Decadência, traga-me a última fibra de Samaúma
E então pouparei sua vil impertinência.”
Mas a tola jovem retribuiu com menisquência
“Quem a deixou descer? É culpa tua!”.

A Lua, pessoalmente atacada, repensou a represália.

Em profunda melancolia

A solução, esta, seria:

“Pois bem, a Samaúma que sobe aos céus
Não mais será questão de teus véus.
Parte dela, apenas, restará aos seus

Pois servirá para lembrar dos pecados que cometeu”.

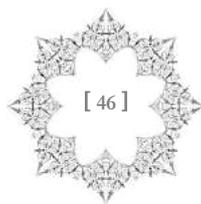
E a cada acutilar, ela sofreu

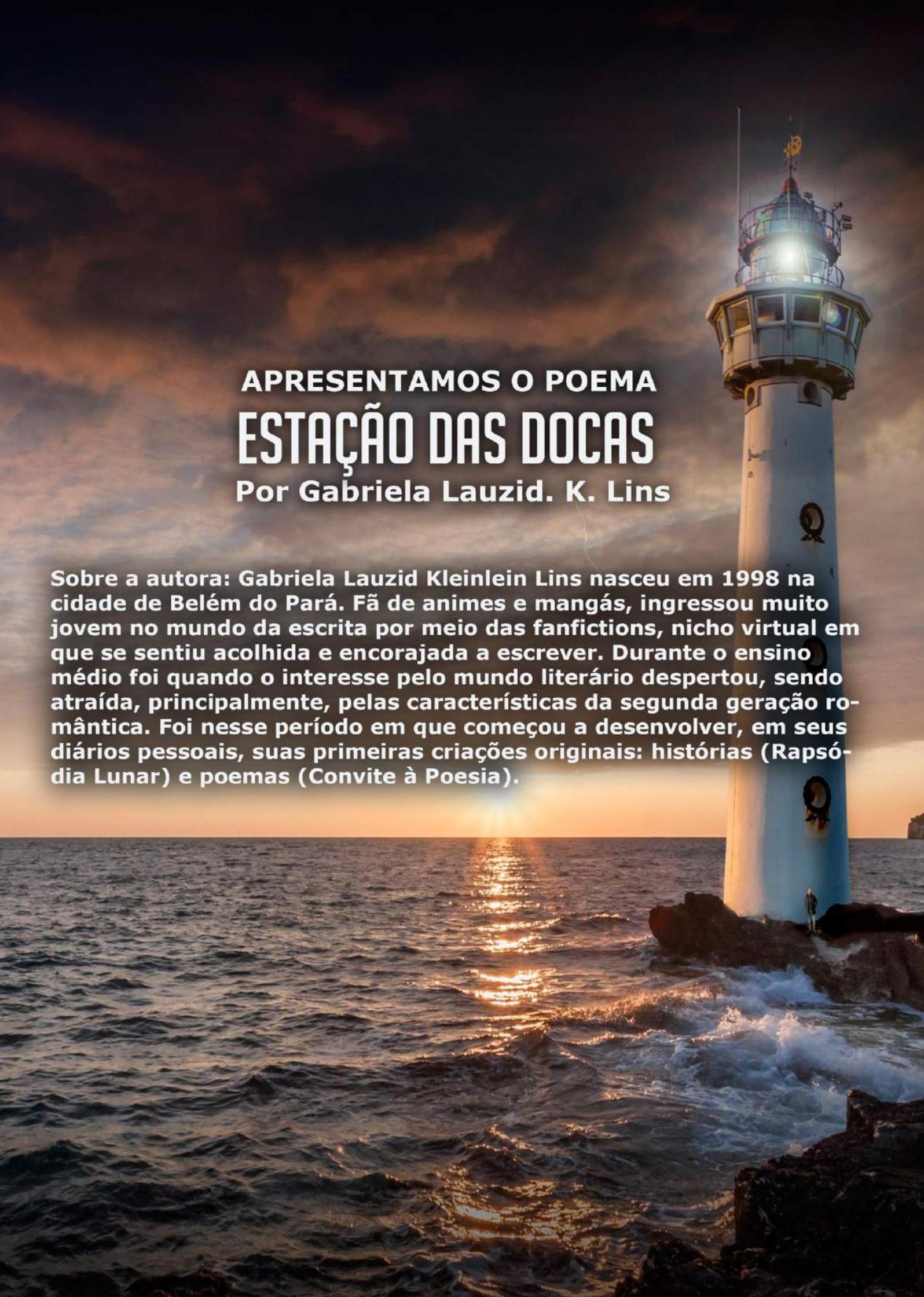
Até o momento em que a Samaúma cedeu.

Na terra restou apenas o toco da Sumaumeira

Tão alta para o povo da terra

Tão ínfimo para o que era...





APRESENTAMOS O POEMA
ESTAÇÃO DAS DOCAS
Por Gabriela Lauzid. K. Lins

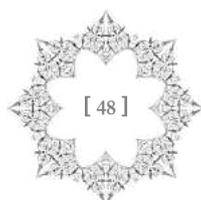
Sobre a autora: Gabriela Lauzid Kleinlein Lins nasceu em 1998 na cidade de Belém do Pará. Fã de animes e mangás, ingressou muito jovem no mundo da escrita por meio das fanfictions, nicho virtual em que se sentiu acolhida e encorajada a escrever. Durante o ensino médio foi quando o interesse pelo mundo literário despertou, sendo atraída, principalmente, pelas características da segunda geração romântica. Foi nesse período em que começou a desenvolver, em seus diários pessoais, suas primeiras criações originais: histórias (Rapsódia Lunar) e poemas (Convite à Poesia).

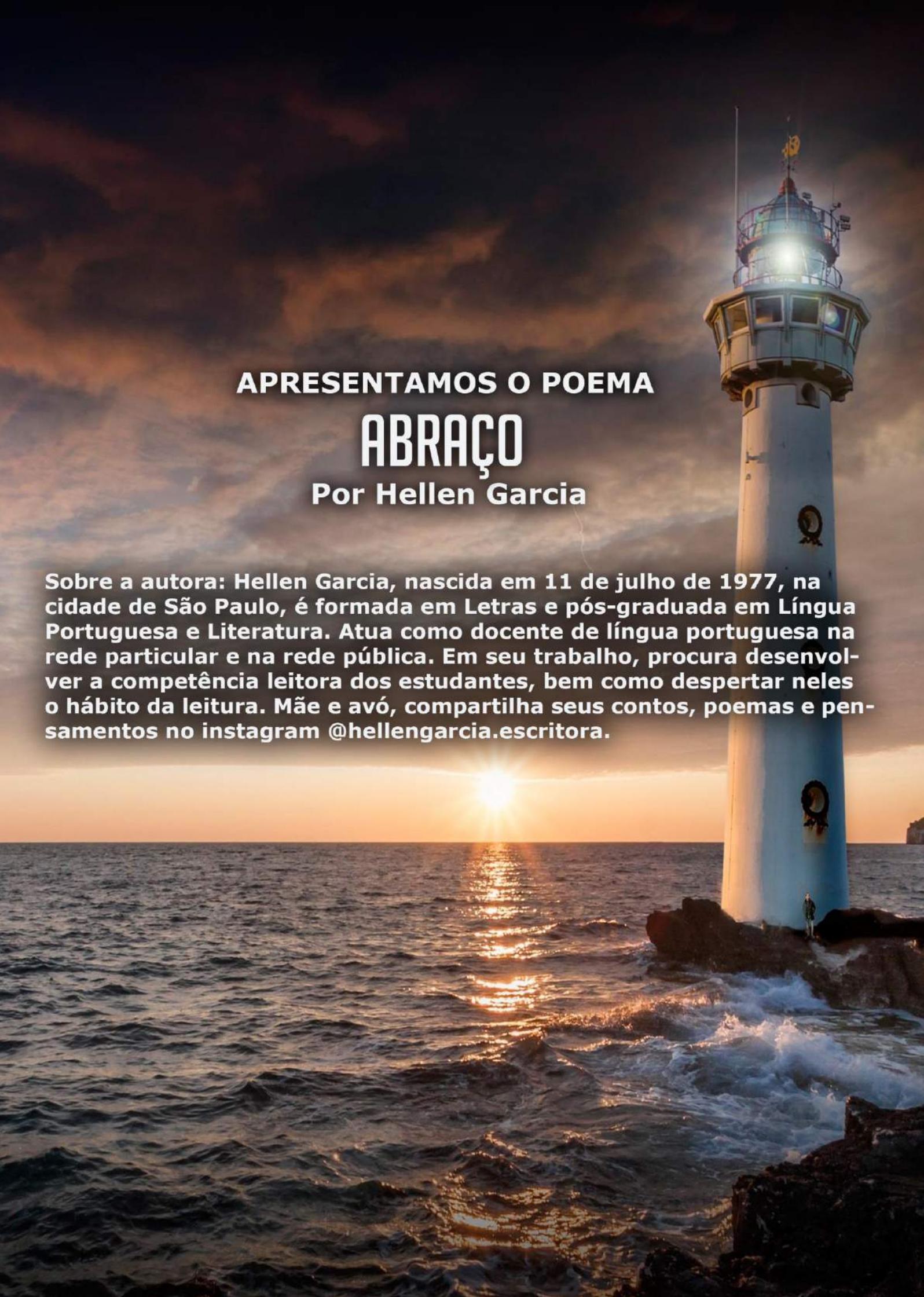
O flamejante sol dourado
Manifesta-se na água da orla.
Esta grandiosa vastidão conforta
Esse meu coração cansado.

O horizonte, à vista, enquadrado
Tão belo que nos isola
Além da Estação das Docas
Num sonho acordado.

No prelúdio do luar
Do pôr do sol, a despedida,
Quando o céu abrandar

A luz, no firmamento, é escondida
Restringindo o contemplar
De sua beleza incontida.



A tall, white lighthouse with a blue base stands on a rocky island. The sun is setting behind the lighthouse, casting a golden glow over the ocean and the sky. The lighthouse has a lantern room at the top with a light glowing. The sky is filled with soft, orange and yellow clouds. The ocean is dark with white foam from waves crashing against the rocks.

APRESENTAMOS O POEMA

ABRAÇO

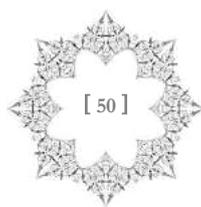
Por Hellen Garcia

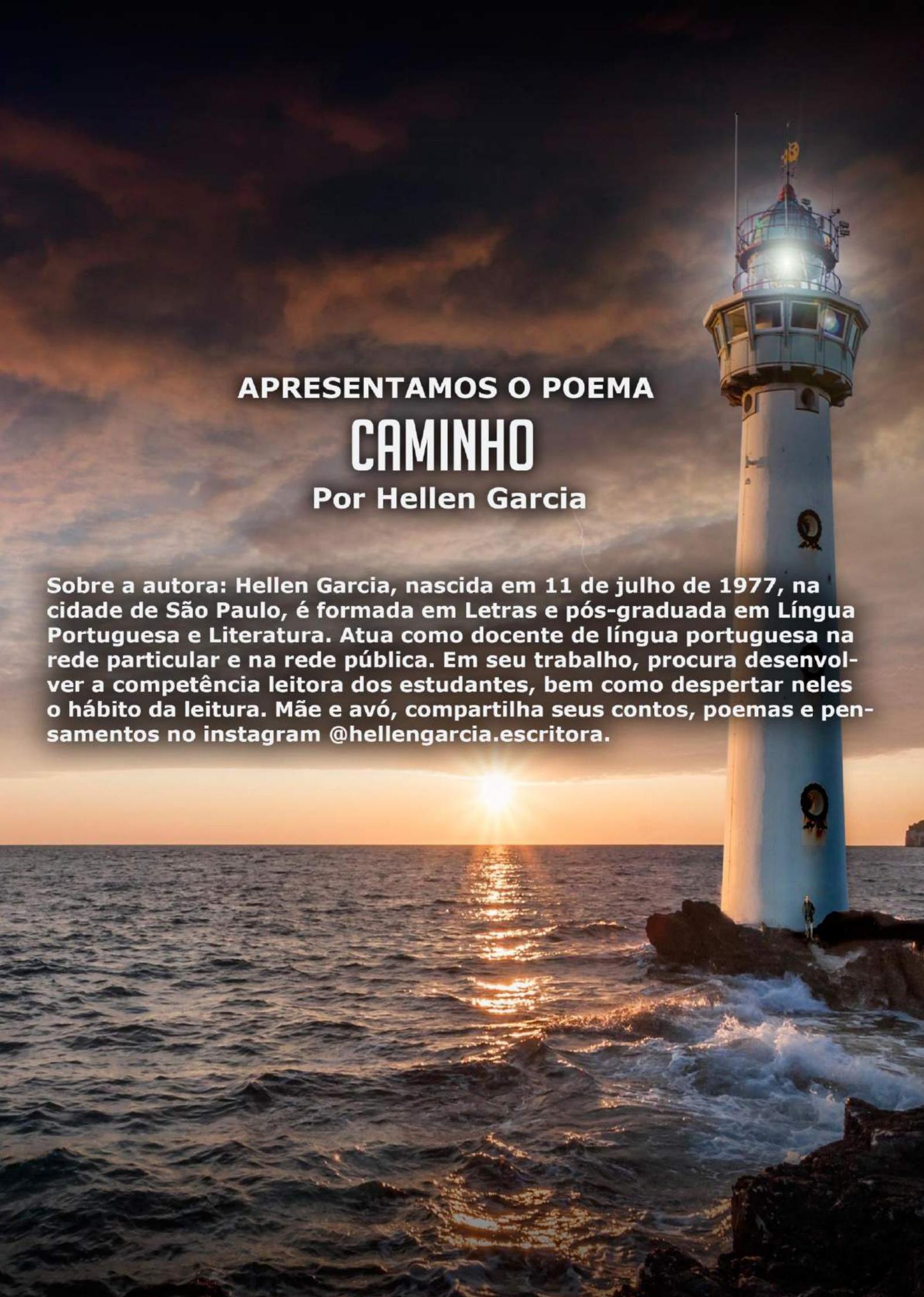
Sobre a autora: Hellen Garcia, nascida em 11 de julho de 1977, na cidade de São Paulo, é formada em Letras e pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura. Atua como docente de língua portuguesa na rede particular e na rede pública. Em seu trabalho, procura desenvolver a competência leitora dos estudantes, bem como despertar neles o hábito da leitura. Mãe e avó, compartilha seus contos, poemas e pensamentos no instagram @hellengarcia.escritora.

No abraço tem carinho,
no abraço tem alegria,
no abraço tem afago,
no abraço tem magia.

No abraço tem compromisso,
no abraço tem aliança,
no abraço há afinidade
das pessoas que de amar nunca se cansam.

Abrace hoje. Abrace agora.
Abrace sempre que sentir necessidade – sua ou de outrem.
Para começar a abraçar, nunca é tarde, porém.
Abraço é no momento e nunca depois.
É o enlace irrefutável das almas de nós dois.





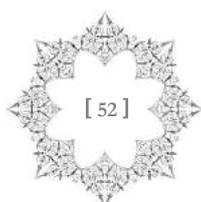
APRESENTAMOS O POEMA
CAMINHO
Por Hellen Garcia

Sobre a autora: Hellen Garcia, nascida em 11 de julho de 1977, na cidade de São Paulo, é formada em Letras e pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura. Atua como docente de língua portuguesa na rede particular e na rede pública. Em seu trabalho, procura desenvolver a competência leitora dos estudantes, bem como despertar neles o hábito da leitura. Mãe e avó, compartilha seus contos, poemas e pensamentos no instagram @hellengarcia.escritora.

Enquanto a decepção insiste em minha alma escurecer,
Minha persistente esperança me impede de totalmente anoitecer
É preciso estar focado no ato de prosseguir
Ainda que a tempestade esteja firme a me seguir

Pedras e obstáculos não vão me paralisar
Pareço frágil por fora, mas estou constantemente a lutar
Todos os temores sempre enfrentarei
Por mais que o vento sopra, em mim mesmo confiarei

Decerto, uma hora eu hei de germinar
Contra todas as intempéries que insistem em me esmorecer
Fincado em obstinado propósito chegará a hora de florescer

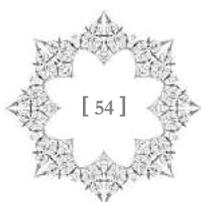


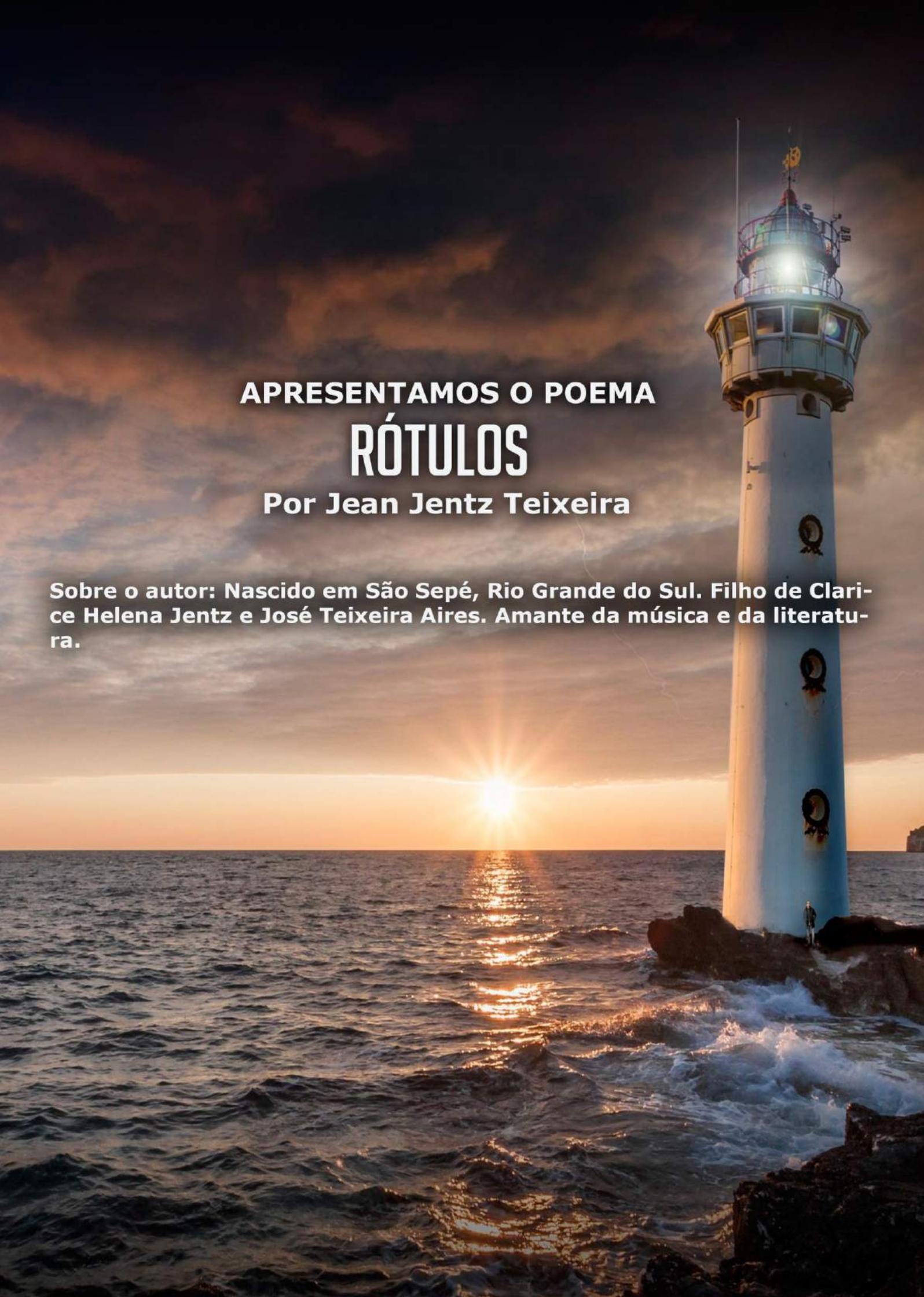


APRESENTAMOS O POEMA
CHIBATADAS
Por Hellen Garcia

Sobre a autora: Hellen Garcia, nascida em 11 de julho de 1977, na cidade de São Paulo, é formada em Letras e pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura. Atua como docente de língua portuguesa na rede particular e na rede pública. Em seu trabalho, procura desenvolver a competência leitora dos estudantes, bem como despertar neles o hábito da leitura. Mãe e avó, compartilha seus contos, poemas e pensamentos no instagram @hellengarcia.escritora.

Das chibatadas que a vida nas minhas costas deu
Existe uma que mais profundamente doeu
A origem dela – pasmem – nasceu justamente de mim
Foi quando de lado deixei o meu eu
Enquanto um reparo não aconteceu
Vivi um pranto sem fim





APRESENTAMOS O POEMA

RÓTULOS

Por Jean Jentz Teixeira

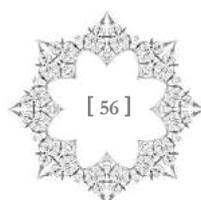
Sobre o autor: Nascido em São Sepé, Rio Grande do Sul. Filho de Clarice Helena Jentz e José Teixeira Aires. Amante da música e da literatura.

Eu quero mais é me expandir
Até que parem de tentar me definir
A imensidão de cada ser
É muito mais que o nosso olho pode ver

Deixo emergir de mim o que há de melhor
Na tentativa de surpreender
Há quem um dia porventura
Possa vir a me conhecer

Rotular é reduzir, é diminuir a existência
Isso nos impede de ver o que importa
Reduz nossa experiência
Afinal, o importante mesmo é a essência.

É preciso olhar para dentro
E enxergar o coração
Nele há o sentimento mais puro
Não cabe qualquer tipo de rotulação



A tall, white lighthouse with a blue base stands on a rocky island. The sun is setting over the ocean, creating a golden glow and reflecting on the water. The sky is filled with soft, orange and yellow clouds. The lighthouse has a lantern room at the top with a light glowing. There are two circular windows on the side of the lighthouse. A small figure of a person is visible at the base of the lighthouse on the rocks.

APRESENTAMOS O POEMA
PÔR DO SOL DE TERESINA
Por Jeany Borges e Silva Ribeiro

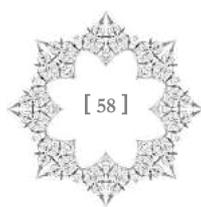
Sobre o autor: Jeany Borges é médica endoscopista, mora em Teresina-Piauí, mãe de dois filhos, Estêvão e Ester, casada com Djalma ribeiro. Com muita sensibilidade e amor, nas horas vagas gosta de escrever poesias e literatura infantil. Em 2020, publicou seu primeiro livro: "Poesias do coração" e em 2021 o livro infantil "As Palavrinhas mágicas".

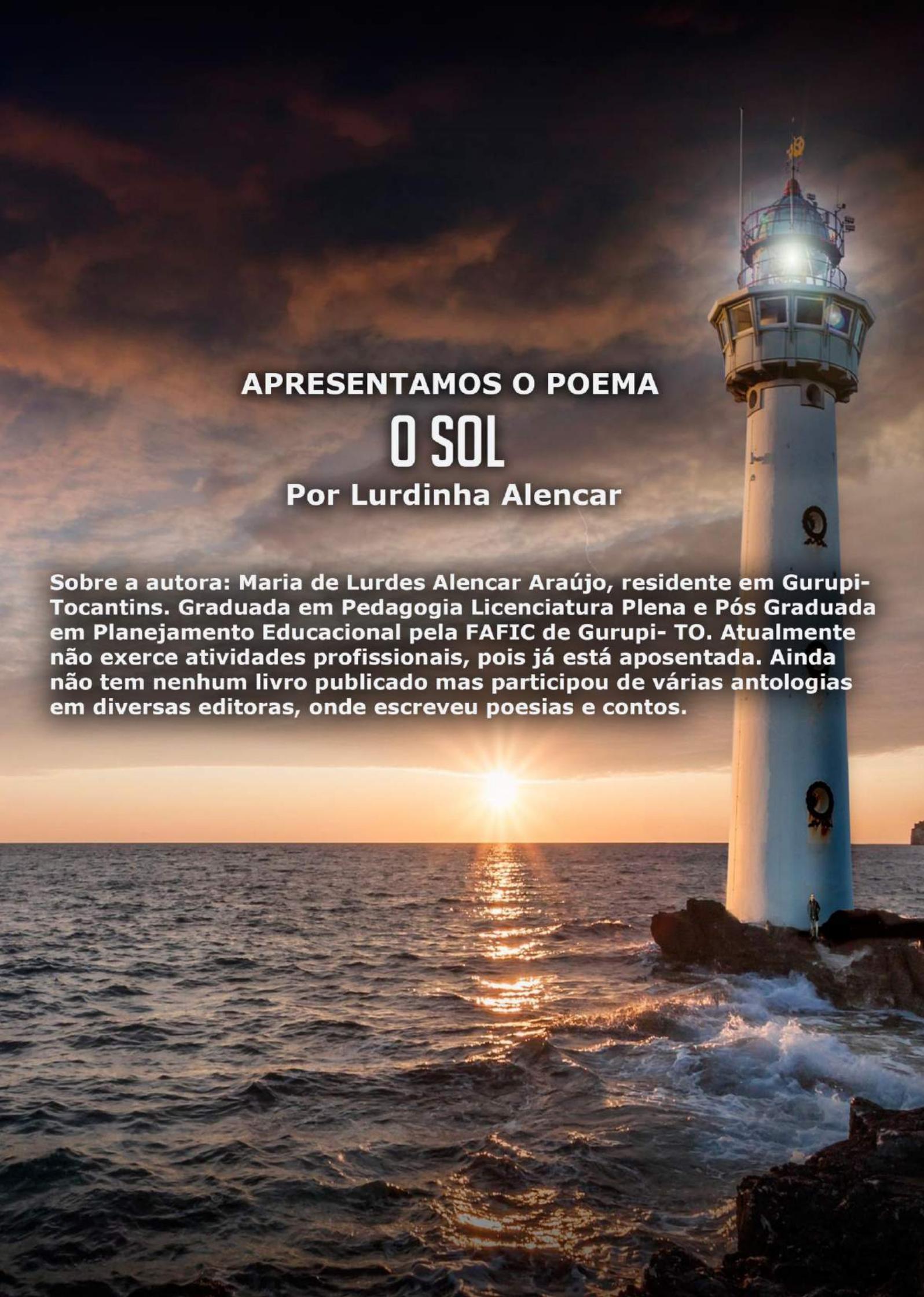
Contempar o por do sol
Traz sensação de gratidão.
A beleza ímpar de cores
Toca o nosso coração

O por do sol de Teresina
Contemplá-lo é um privilégio
Ilumina a nossa rotina
Traz luz ao nosso refugio

Todo entardecer
Semelhante ao envelhecer
Nos remete a conhecer
As obrigações que trazem o amadurecer

Ah o por do sol
Por que sera que sempre nos encanta?
Será que ele lembra a luz q há em nós,
Da Divindade que nos abrilhanta?





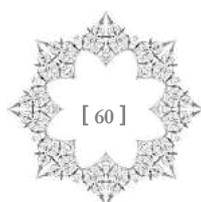
APRESENTAMOS O POEMA

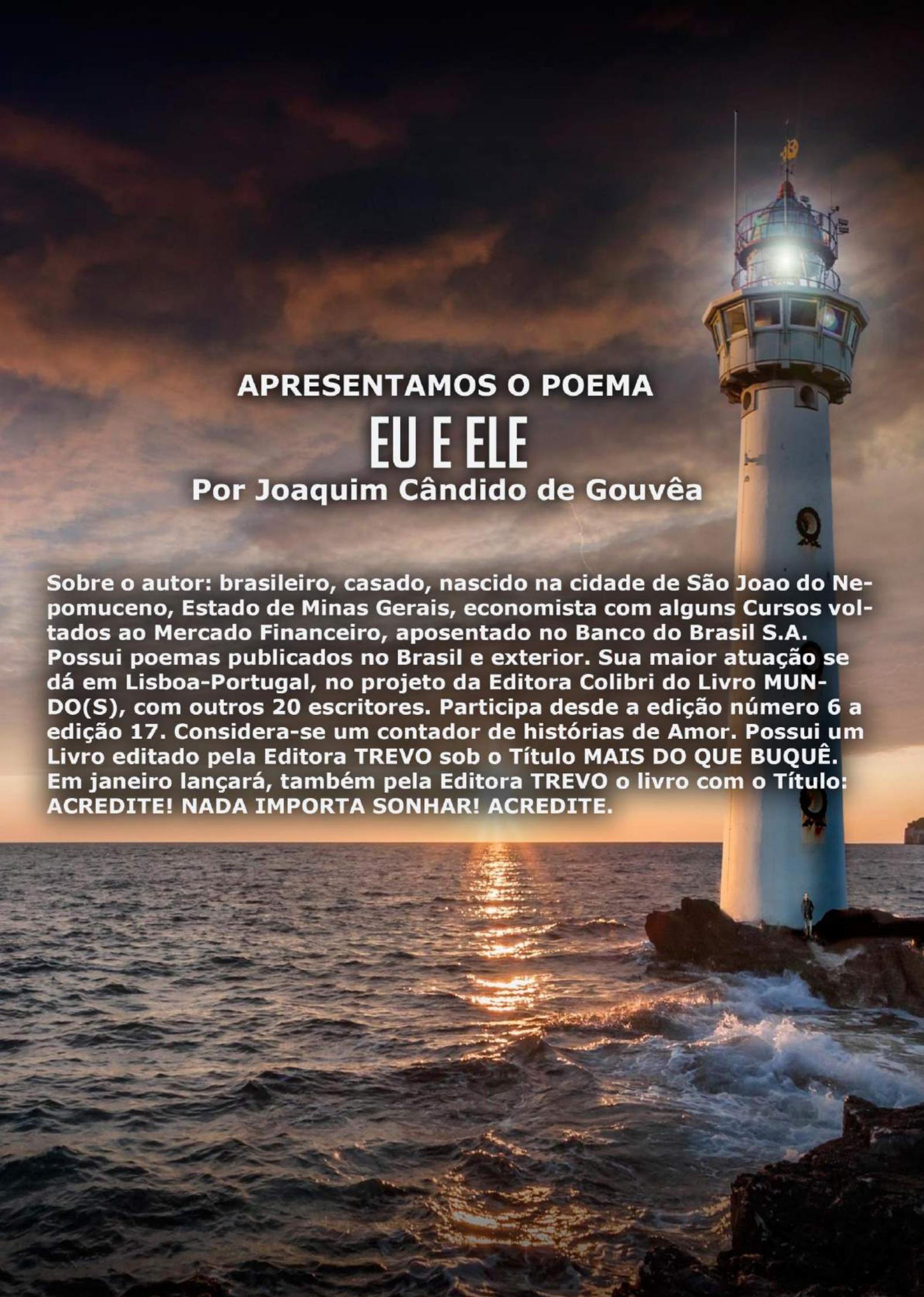
O SOL

Por Lurdinha Alencar

Sobre a autora: Maria de Lurdes Alencar Araújo, residente em Gurupi-Tocantins. Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena e Pós Graduada em Planejamento Educacional pela FAFIC de Gurupi- TO. Atualmente não exerce atividades profissionais, pois já está aposentada. Ainda não tem nenhum livro publicado mas participou de várias antologias em diversas editoras, onde escreveu poesias e contos.

A luz dourada
no final de sua jornada diária,
já não é mais suficiente
para iluminar a terra.
Mas a sua beleza
junto com as nuvens,
ilumina a nossa alma
neste pôr do sol.
Amanhã será um novo dia,
e você surgirá
logo nas primeiras horas da manhã,
com seus raios dourados
voltando a iluminar a terra.
Ilumina também
a vida da pessoa amada
apesar de distante.
Pois, os seus raios não têm
um ponto determinado para iluminar,
e sim toda a terra.
Aquece o nosso amor
para que a cada amanhecer,
possamos ter a certeza de um reencontro.
Siga a sua trajetória diária,
pois logo terá outro pôr do sol ao entardecer.





APRESENTAMOS O POEMA
EU E ELE
Por Joaquim Cândido de Gouvêa

**Sobre o autor: brasileiro, casado, nascido na cidade de São João do Ne-
pomuceno, Estado de Minas Gerais, economista com alguns Cursos vol-
tados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.
Possui poemas publicados no Brasil e exterior. Sua maior atuação se
dá em Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri do Livro MUN-
DO(S), com outros 20 escritores. Participa desde a edição número 6 a
edição 17. Considera-se um contador de histórias de Amor. Possui um
Livro editado pela Editora TREVO sob o Título MAIS DO QUE BUQUÊ.
Em janeiro lançará, também pela Editora TREVO o livro com o Título:
ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE.**

Aqui estamos no mesmo lugar
Sob Céu azul, bem em frente ao lago, sentados
Ele, ainda latindo, por emoção um pouco agitado
Eu? Ah! Procurando mostrar tranquilidade! Irá sossegar!

Como há de se lembrar de aqueles tempos, latiu muito quando chegamos
Rápido se ajoitou no banco e, à minha esquerda, veio se sentar
Naquele mesmo lugar! Aí ficou a cheirar!
O seu e o meu perfumar que a cada dia, vivido lá, deixamos

Irá sorrir do que vou dizer
Continua com o rabinho balançando de euforia
Isso, sem parar, por tamanha alegria
Creia! Reações difíceis de em nós humanos se reconhecer

Como sempre, ficaremos por algumas horas
Sossegado, colocou seu focinho sobre minha perna
Pela imaginação, acredito que em sua cabecinha agora
Gostaria de que a vida, também com você, fosse eterna

Como sempre ocorre, passados alegres momentos
Iremos para casa voltar
No meu pensamento
Bem sei em que lugar irá se sentar

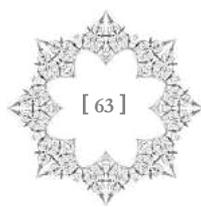
Na mesma poltrona entre eu e você
De praxe, farei algumas brincadeiras para o distrair
Claro que ainda olhará para o lado tentando lhe ver
Bem sabe que ali não estará, mas claro, não a viu partir

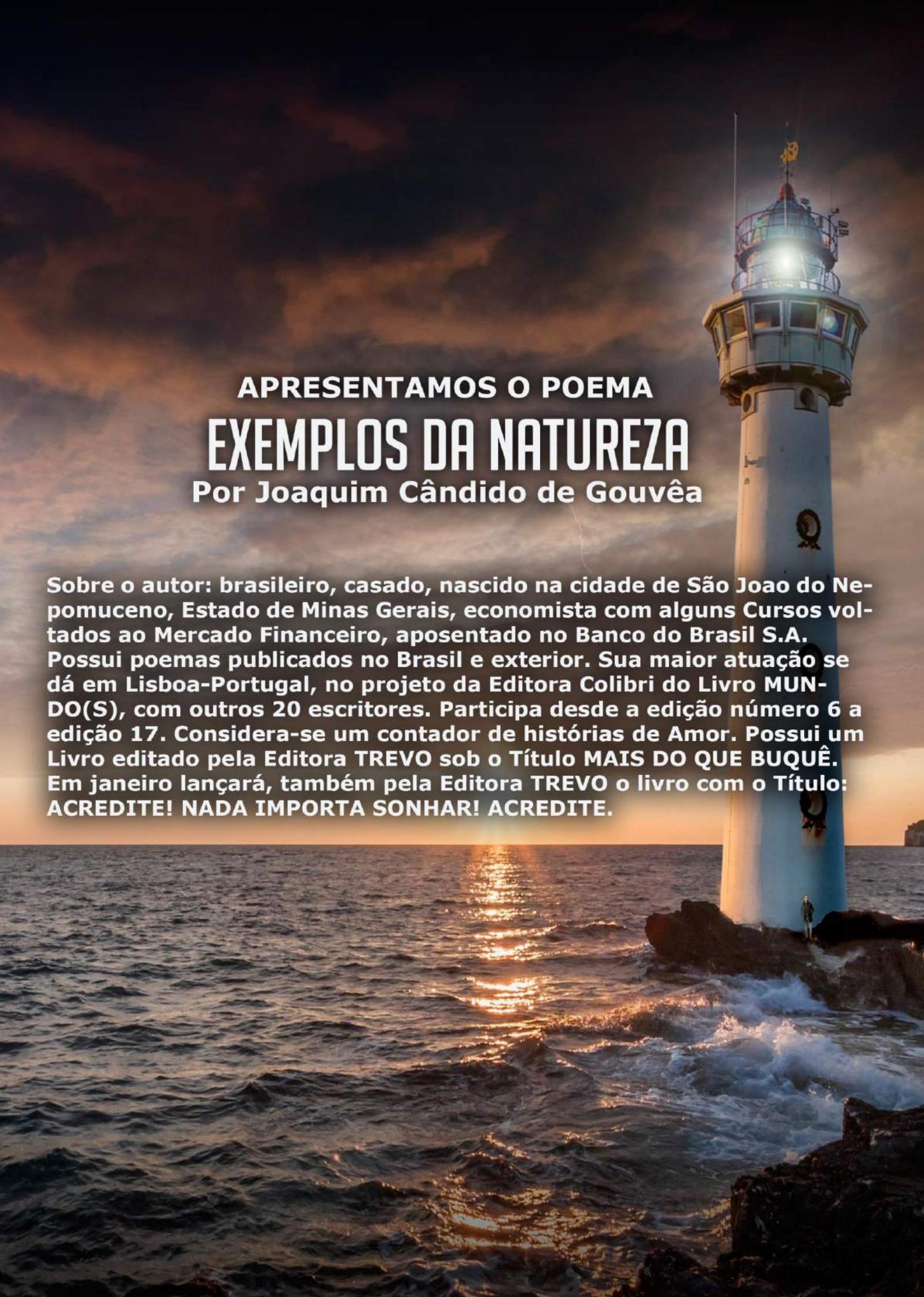
Novamente, como no passado, começo a sentir o focinho sobre minha perna

Olhos fechados, acredito pensando ele, ser a vida eterna
Nós humanos, no entanto, sabemos que não
Quem sabe, talvez ele também, por possuir no seu interior melhor coração

Ah! Recosto-me! Consigo meus olhos fechar
Cílios correm sobre a retina suavemente como quem a debruçar
Do cansaço, suspiro, deito a cabeça
A espera de, no sonhar, acreditar para que nunca a esqueça

Em outro Plano do Universo em pura sensação
Talvez observar você sorrindo deste poeta pela exótica intuição
Nós dois de mãos dadas, lado a lado
E ele, bem ao nosso meio colado, alegre e, acredite, com o maior cuidado





APRESENTAMOS O POEMA
EXEMPLOS DA NATUREZA
Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Sobre o autor: brasileiro, casado, nascido na cidade de São Joao do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, economista com alguns Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Possui poemas publicados no Brasil e exterior. Sua maior atuação se dá em Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri do Livro MUNDO(S), com outros 20 escritores. Participa desde a edição número 6 a edição 17. Considera-se um contador de histórias de Amor. Possui um Livro editado pela Editora TREVO sob o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. Em janeiro lançará, também pela Editora TREVO o livro com o Título: ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE.

Cachoeiras

Cada uma a sua maneira

Borbulham ao “colo” das colinas

Águas sacodem-se, no solo, atijando ao borbulhar

Como alguém pedir um “peito” a se alimentar

Para suas barrentas águas tornarem-se cristalinas

O poeta se ampara na “poesia” para o fenômeno explicar

Tranquilas águas manejam seu lugar

Anteriormente barrentas

Ao lado das margens facilmente se acomodam

As demais, formam o “caminhar” sobre pedras pontiagudas e suculentas

E, nesse sacolejar, mais lindas e transparentes se tornam

Assim, formando correntezas, “caminham”, passam

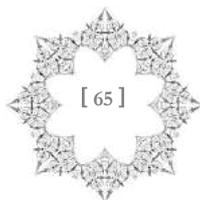
A procura de outros aconchegos, tais como lagos, riachos, a todos, ultrapassam

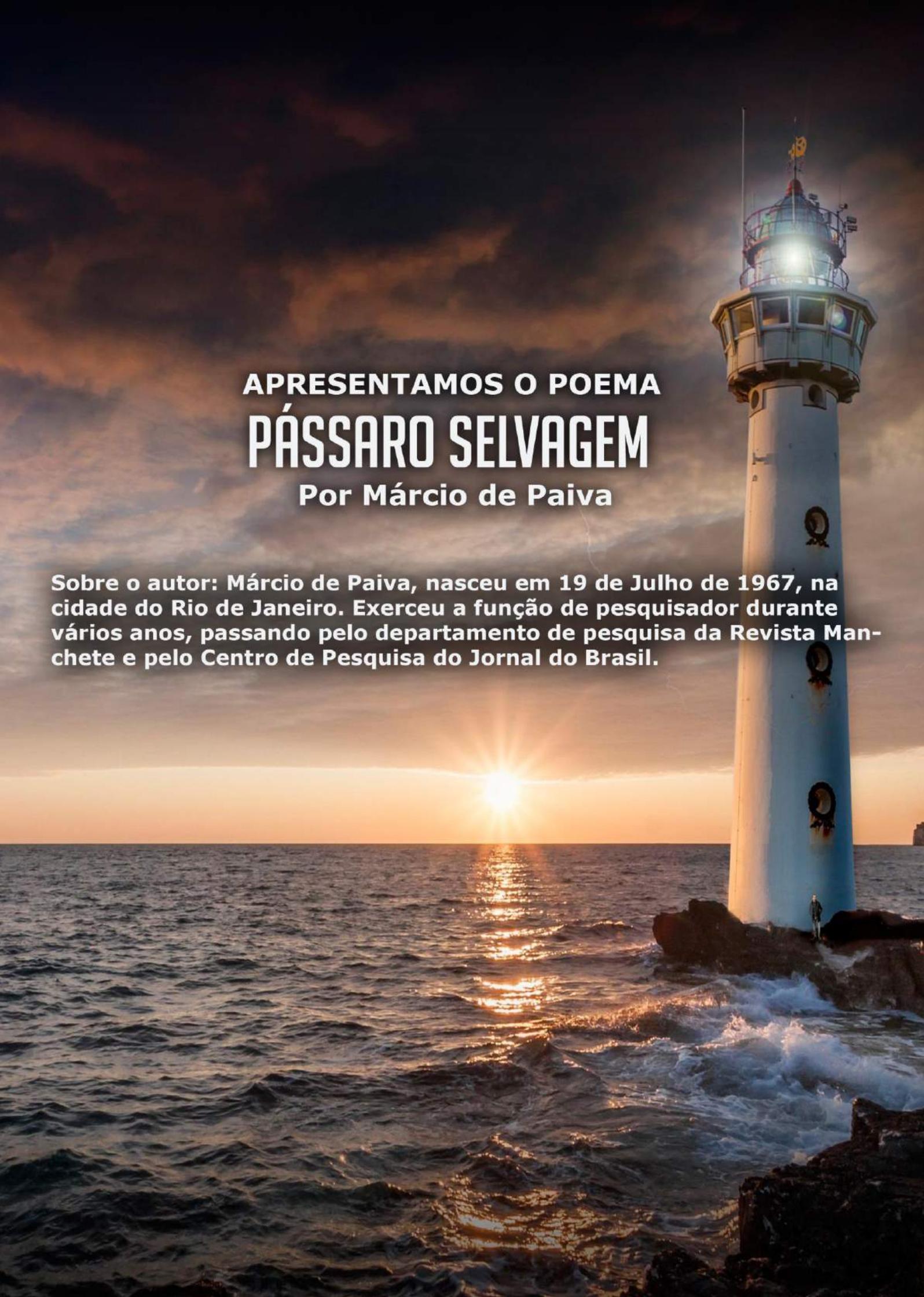
No infinito bater vão descendo

Do inóspito, florescendo

Finalmente a mistura (quem sabe) chega ao mar

Deixando para o Sol ao se pôr, a luminosidade mostrar a beleza para se apreciar e,
ardorosamente amar





APRESENTAMOS O POEMA
PÁSSARO SELVAGEM
Por Márcio de Paiva

Sobre o autor: Márcio de Paiva, nasceu em 19 de Julho de 1967, na cidade do Rio de Janeiro. Exerceu a função de pesquisador durante vários anos, passando pelo departamento de pesquisa da Revista Manchete e pelo Centro de Pesquisa do Jornal do Brasil.

Dou-te alimento, pássaro selvagem.

Que venha no vento e no sopro do mar.

Dou-te alimento, pássaro selvagem.

Quero que me traga um segredo dos céus e que me revele onde mora o pai amado.

Dou-te alimento, pássaro selvagem.

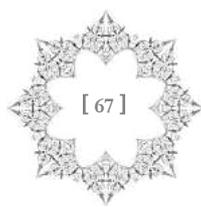
Hoje, tu apenas caminha!

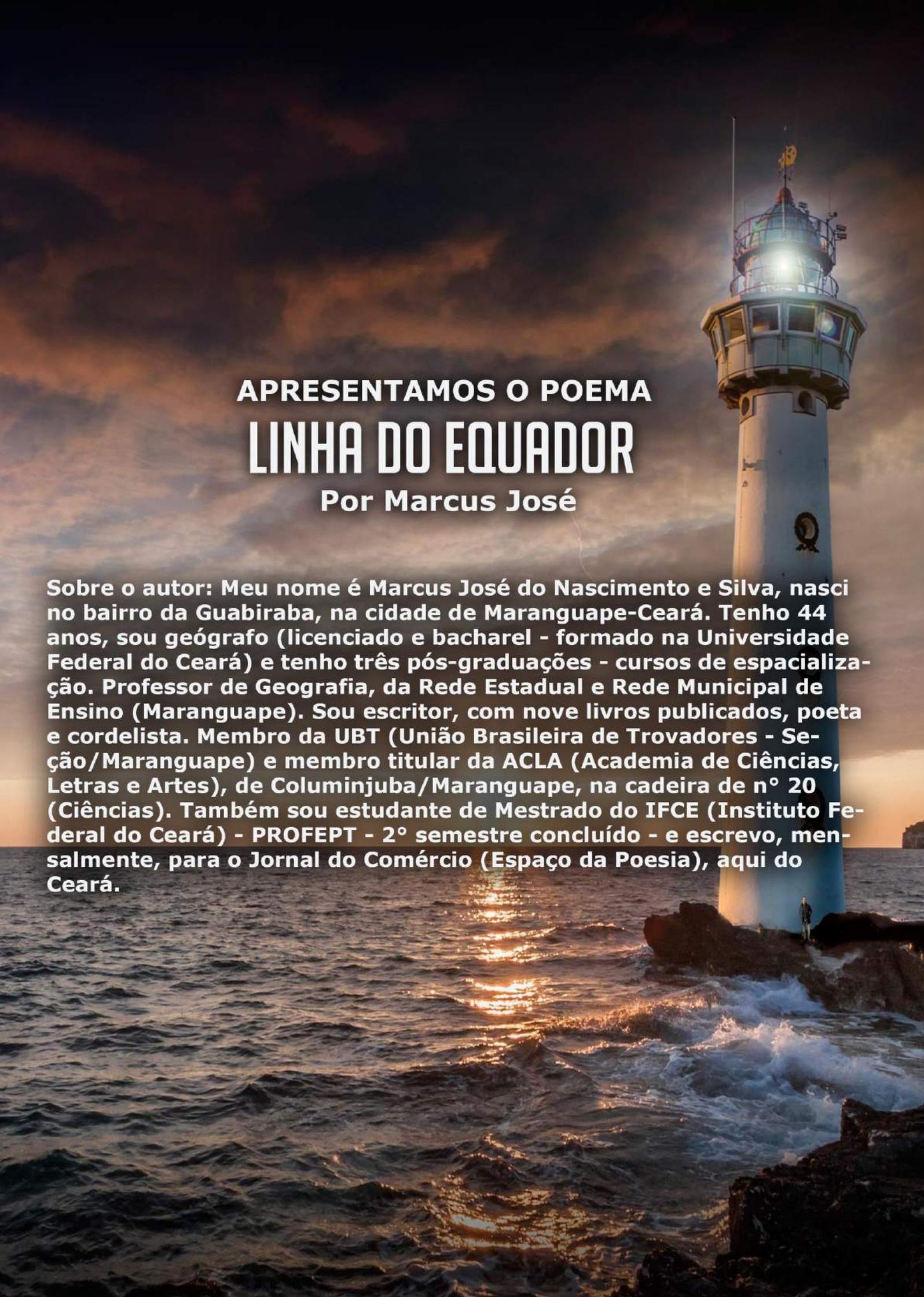
O alimento que lhe dera foi em troca de suas asas.

Parti de fininho antes do sol nascer num voo de infinito onde não se conta mais o tempo.

Obrigado, meu amigo pássaro selvagem.

In memoriam, ao amigo Tadeu.





APRESENTAMOS O POEMA
LINHA DO EQUADOR

Por Marcus José

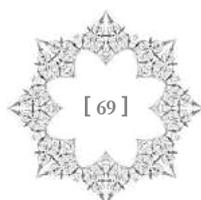
Sobre o autor: Meu nome é Marcus José do Nascimento e Silva, nasci no bairro da Guabiraba, na cidade de Maranguape-Ceará. Tenho 44 anos, sou geógrafo (licenciado e bacharel - formado na Universidade Federal do Ceará) e tenho três pós-graduações - cursos de especialização. Professor de Geografia, da Rede Estadual e Rede Municipal de Ensino (Maranguape). Sou escritor, com nove livros publicados, poeta e cordelista. Membro da UBT (União Brasileira de Trovadores - Seção/Maranguape) e membro titular da ACLA (Academia de Ciências, Letras e Artes), de Columinjuba/Maranguape, na cadeira de nº 20 (Ciências). Também sou estudante de Mestrado do IFCE (Instituto Federal do Ceará) - PROFEPT - 2º semestre concluído - e escrevo, mensalmente, para o Jornal do Comércio (Espaço da Poesia), aqui do Ceará.

Aqui mesmo, nesta terra linda
Pertinho, da Linha do Equador
Maranguape, tu és bem-vinda
No meu coração, o esplendor!

O ano inteiro, temos frio e calor...
Chuva, sol, cultura, fé e umidade
A poesia, companheira, meu amor
Serra que encanta a humanidade

Ah! Nestas baixas latitudes
Cento e setenta anos de vida
Cidade com verdes altitudes
Claro! Jamais será esquecida

Ao Brasil, eu declaro então
O meu profundo sentimento
Não escrevi nada em vão
És meu lugar, todo momento





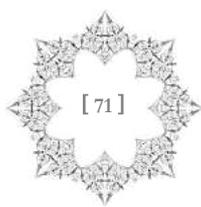
APRESENTAMOS O POEMA

FLOR

Por Pedro Mendes

Sobre o autor: Escritor desde os 14 anos, começou com pequenos versos livres. Em 2020, adentre à pandemia, lançou seu primeiro livro de poesia de maneira independente, "Acroase, desalentos de um Pseudo jovem poeta", pela plataforma de Amazon. No mesmo ano, participou da Antologia Poética Coopacesso com seu poema, "Carmesim". Em 2021, concentrou suas atenções ao início da trilogia de ficção Lutar Para Libertar, publicando o primeiro livro, "O Homem que Perdeu a Alma", também de maneira independente pela Amazon, UICLAP e com a venda de exemplares físicos.

Ó, esses teus espinhos,
O teu caos faz-me tempestivo.
A sua voz lembra-me *rumbita*.
Esse emaranhado de acordes
tão rápidos, tão mélicos, dançantes.
Essas tuas notas musicais...
Ó, tais zumbidos no ouvido.
Estas abelhinhas em tuas pétalas,
tatuada folhagem;
Desenhos de um corpo são, natural.
Uma alma terna, singela, doce, completa.
É tão humana e tão visceral!





APRESENTAMOS O POEMA
SOU DE LÁ...
Por Regina Ruth Rincon Caires

Sobre a autora: Regina Ruth Rincon Caires, nascida em Auriflama/SP em 07 de setembro de 1953 (68 anos). Casada, funcionária pública federal aposentada, tem dois filhos e um punhado de netos. Formada em Letras e Direito. Não possui livros publicados. Classificada em alguns concursos literários.

Em mim, nada é urbano.

Não sou daqui.

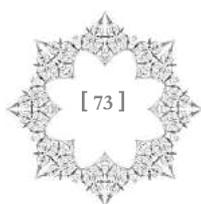
E, somente agora, tarde demais,

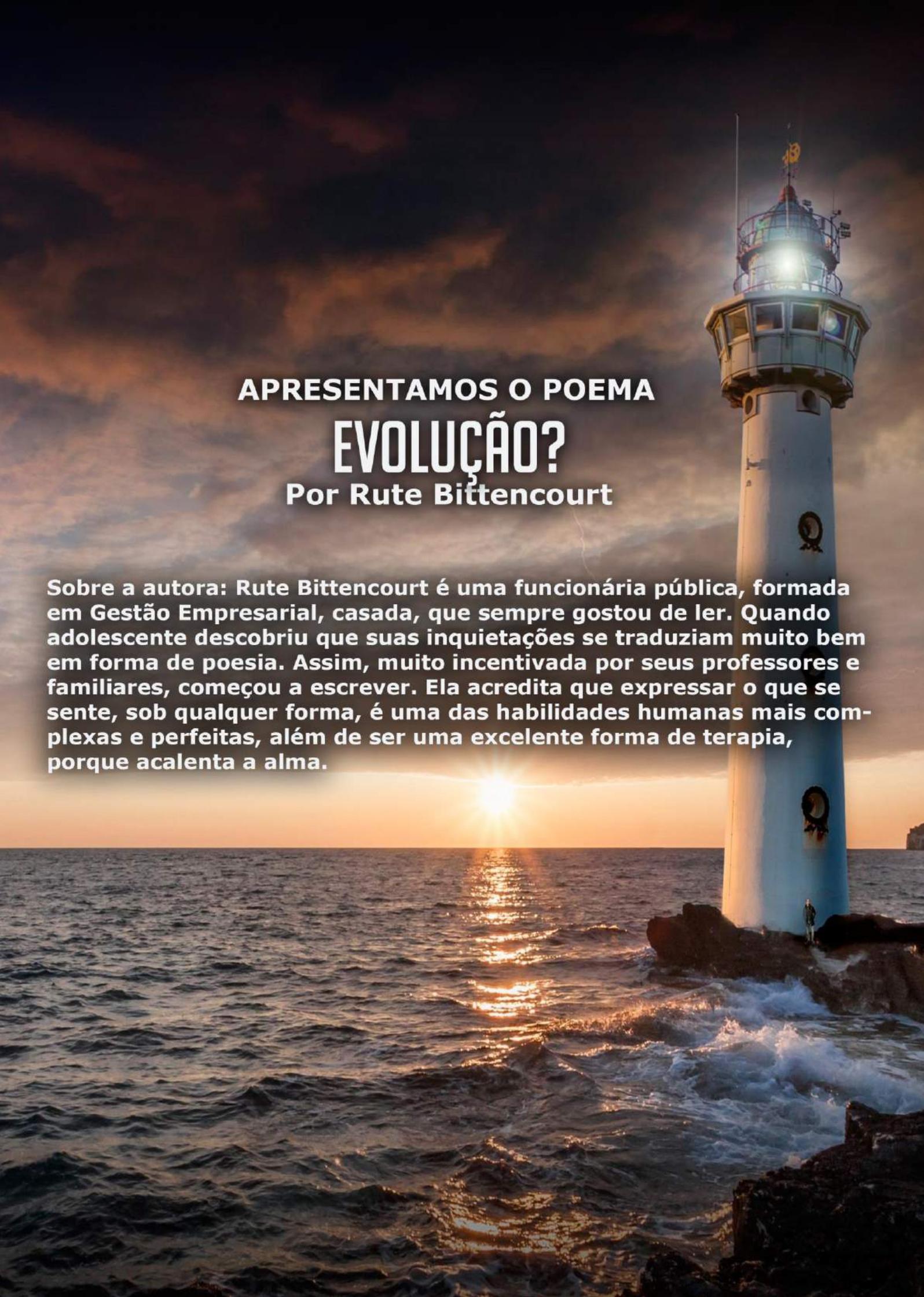
Percebo que tenho os pés cativos no trançado do capim-boiadeiro,

Que a minha alma continua encavalada nas tábuas do velho curral,

E que tenho o coração encarcerado pelas porteiras da minha infância.

Sou de lá...





APRESENTAMOS O POEMA
EVOLUÇÃO?
Por Rute Bittencourt

Sobre a autora: Rute Bittencourt é uma funcionária pública, formada em Gestão Empresarial, casada, que sempre gostou de ler. Quando adolescente descobriu que suas inquietações se traduziam muito bem em forma de poesia. Assim, muito incentivada por seus professores e familiares, começou a escrever. Ela acredita que expressar o que se sente, sob qualquer forma, é uma das habilidades humanas mais complexas e perfeitas, além de ser uma excelente forma de terapia, porque acalenta a alma.

Se Darwin estivesse vivo
Para o noticiário contemplar,
Veria sua teoria em suicídio,
Em suplício se desmanchar.

Não por ser farsa ou contraditória,
Nem por ser derrubada por outras leis,
Mas por não suspeitar do que vemos agora,
O colapso humano em que a sociedade se fez.

Quando olho para atrás,
Para quando o homem não era civilizado,
Vejo alguém muito capaz
De matar para ser alimentado.

E alimentar seu grupo
Sanar sua básica necessidade
E sentir um profundo luto
Quando um irmão fosse para a eternidade.

Quando olho para o presente,
Para o homem sábio e civilizado,
Vejo alguém muito doente,
De crenças vazias, mal adaptado.

Que mata por ideologias diversas
Na vida, na política, na religião,
No egoísmo a sociedade imersa
Houve mesmo evolução?

Junção de uns em detrimento de outros,

Uma sociedade de separação,
De verdades incompletas e argumentos tolos,
De guerras e mortes por opção.





APRESENTAMOS O POEMA
MEU ABRIGO
Por Rute Bittencourt

Sobre a autora: Rute Bittencourt é uma funcionária pública, formada em Gestão Empresarial, casada, que sempre gostou de ler. Quando adolescente descobriu que suas inquietações se traduziam muito bem em forma de poesia. Assim, muito incentivada por seus professores e familiares, começou a escrever. Ela acredita que expressar o que se sente, sob qualquer forma, é uma das habilidades humanas mais complexas e perfeitas, além de ser uma excelente forma de terapia, porque acalenta a alma.

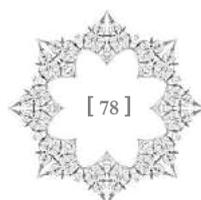
Fui buscar tantos lugares
Transbordando em ilusão,
Busquei rios, gramas e praças
Que não acolhiam minha confusão.

Fui atrás de muitas pessoas,
Vazia de amor e carente de afeto,
Enchi a casa de companhias boas
Mas eu continuava sem teto.

Exerci muitas funções
Na intenção de preencher
A lacuna de impressões
Que não deveria ter.

Só quando percebi minha alma,
O que ela sentia e queria
Que a confusão se tornou calma
E eu minha melhor companhia.

Descobri o meu abrigo
Cheio de tudo e muito capaz.
O melhor lugar, o melhor amigo,
É você mesmo quando está em paz.





APRESENTAMOS O POEMA
A CAMPONESA
Por Lírio Reluzente

Sobre a autora: Suele Gomes Ribeiro, pseudônimo Lírio Reluzente, é escritora, poetisa, cordelista e cristã. Natural do Piauí, nascida em Campo Maior, morou um tempo no RJ, aprendendo o sotaque carioca e reside atualmente na cidade de Teresina. É coautora da I coletânea Piauí Poético, membra do grupo Piauí Poético e Casa dos Poetas e da Poesia. Possui várias produções expostas nas plataformas digitais Recanto das Letras, Meu Lado Poético e Pensador.

Soberana das terras férteis

Cultivar é sua diversão

Como o mel

Adoça o dia

Empoderada na filosofia rural

Obra prima da natureza

Semeada na audácia

Tuas vestes retalhadas

Banhada de lutas diárias

Em cada planta

Nasce um verso

Das tuas mãos suaves

O esverdear da grama

É passarela

Para o teu caminhar

Videira florada

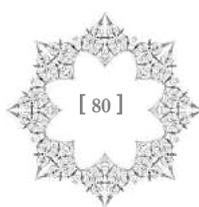
Solo arado

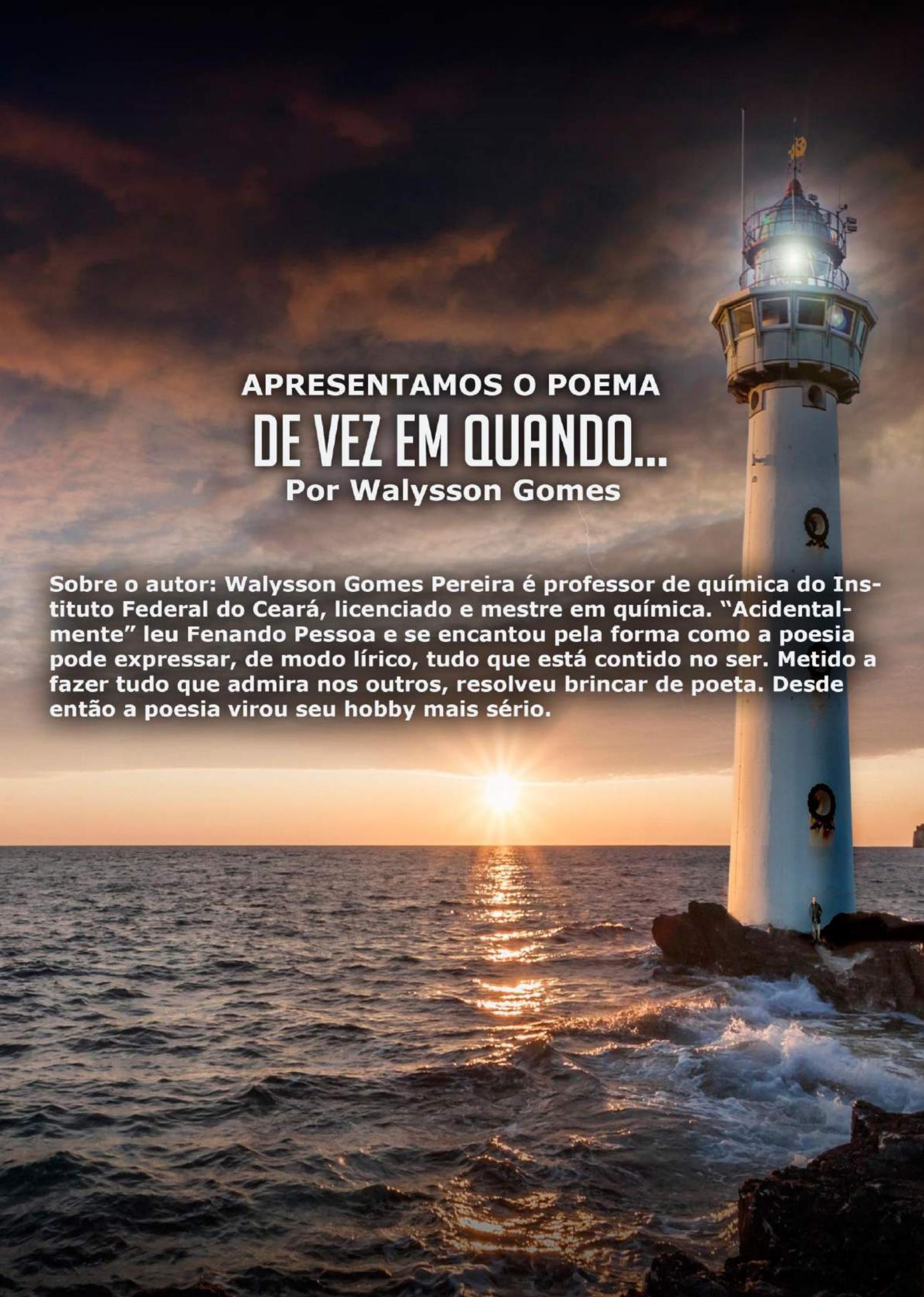
Cantil de barro

Na liberdade das enxadas

Não quero ficar

Sem te ver





**APRESENTAMOS O POEMA
DE VEZ EM QUANDO...
Por Walysson Gomes**

Sobre o autor: Walysson Gomes Pereira é professor de química do Instituto Federal do Ceará, licenciado e mestre em química. "Acidentalmente" leu Fernando Pessoa e se encantou pela forma como a poesia pode expressar, de modo lírico, tudo que está contido no ser. Metido a fazer tudo que admira nos outros, resolveu brincar de poeta. Desde então a poesia virou seu hobby mais sério.

De vez em quando a saudade...
Que não é má se superada,
mas, se insolúvel, amarga hoje, azeda o amanhã
de tanta doçura que houve ontem.

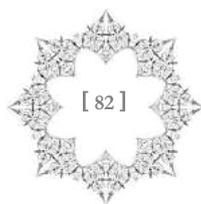
De vez em quando o desencanto...
Da vida, do outro e de si.
É que a poesia era em verdade prosa
e a mágica do ilusionista uma simples distração dos sentidos.

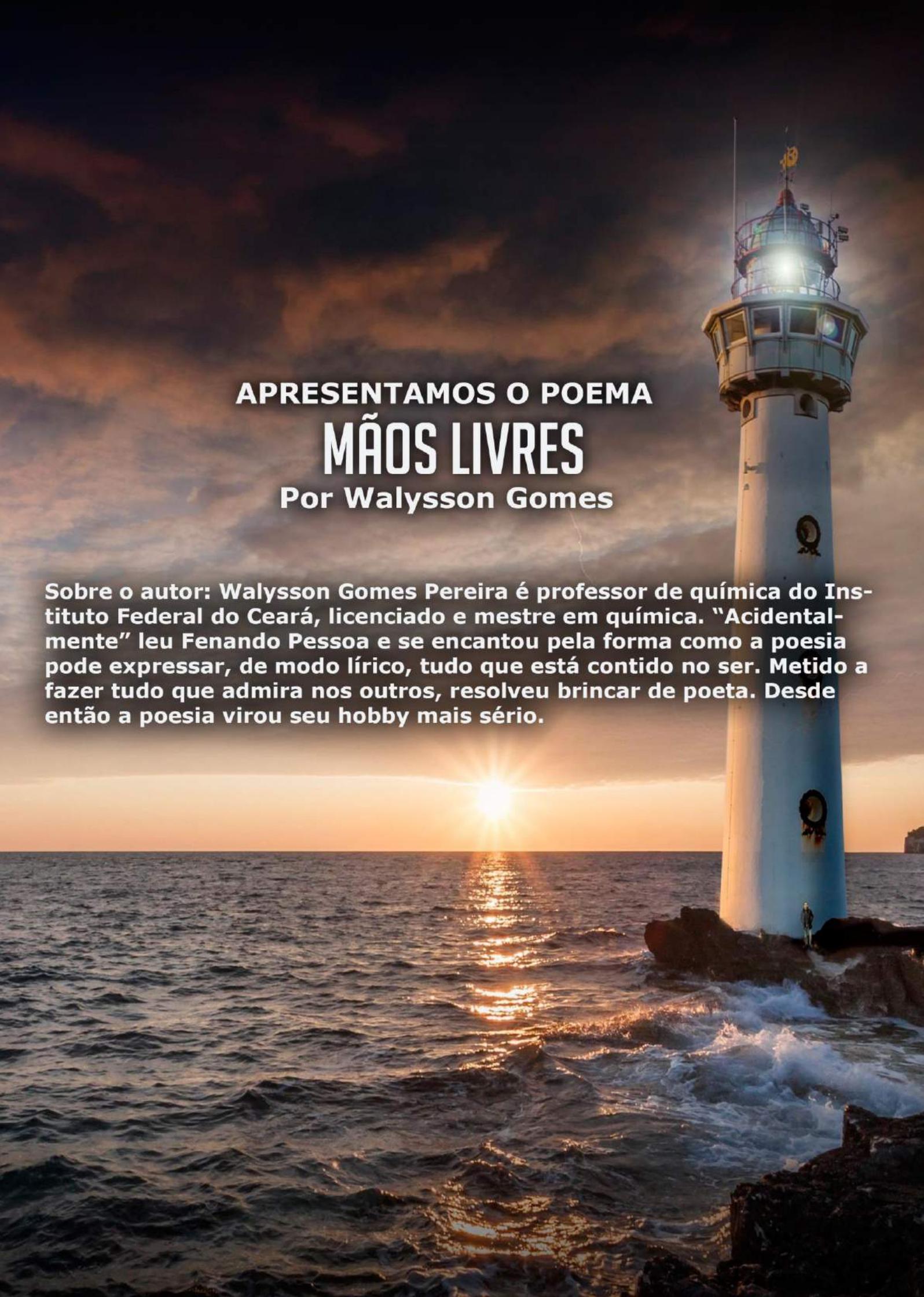
De vez em quando a depressão...
O fim do gozo de gozar, do sentir e amar,
inflando a chaga de carregar todos os sofreres do mundo.
O doer que desatina qualquer frêmito de paixão.

De vez em quando surge um novo vírus...
Mutante, fratricida e mortal!
Nos usurpando a maquinária biológica
para o objetivo egóico do viver.

De vez em quando a morte...
Morte do anseio, morte da esperança.
Mortos de vida que transborda.
Mortos com miocárdio funcional.

De vez em quando, bem de vez quando,
escolhemos um novo presidente...



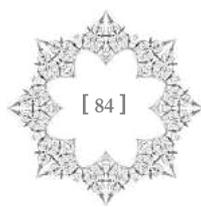


APRESENTAMOS O POEMA
MÃOS LIVRES
Por Walysson Gomes

Sobre o autor: Walysson Gomes Pereira é professor de química do Instituto Federal do Ceará, licenciado e mestre em química. “Acidentalmente” leu Fernando Pessoa e se encantou pela forma como a poesia pode expressar, de modo lírico, tudo que está contido no ser. Metido a fazer tudo que admira nos outros, resolveu brincar de poeta. Desde então a poesia virou seu hobby mais sério.

As mãos livres...
Nada tem,
Nada tocam,
Nada querem,
Nada imploram,
A não ser um artefato,
Uma vela (acesa).
Não para as mãos,
As mãos tateiam nas sombras,
Mas para os olhos,
Não os meus.

É escuro
E teus olhos famintos são cegos a noite,
Carecem luz,
Alguma luz,
Apenas uma vela,
Uma faísca,
Rompendo a escuridão,
E teus olhos lacrimosos verão,
As mãos,
Minhas,
Livres,
Abertas,
E estendidas a ti.





APRESENTAMOS O POEMA
SONETO PELO DESPERTAR DA PIEDADE
Por Walysson Gomes

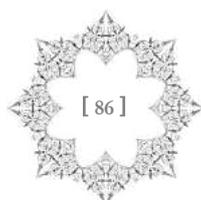
Sobre o autor: Walysson Gomes Pereira é professor de química do Instituto Federal do Ceará, licenciado e mestre em química. "Acidentalmente" leu Fernando Pessoa e se encantou pela forma como a poesia pode expressar, de modo lírico, tudo que está contido no ser. Metido a fazer tudo que admira nos outros, resolveu brincar de poeta. Desde então a poesia virou seu hobby mais sério.

Não prives a turva vista
Ante o ambiente maculado
Abre os olhos, enxerga ao lado
E questiona o teu ser arrivista.

Há olhos que te fitam em dor,
Que te ferem a consciência,
Distanciados da tua vivência
É fato estarrecedor.

Fixa o ser nesse instante,
Mente presente, não fica distante,
Só o agora te consome.

E verá que teus problemas,
Não passam de vis dilemas
Frente aqueles de quem tem fome.





APRESENTAMOS O POEMA
AMOR AO PÔR DO SOL
Por Wanda Rop

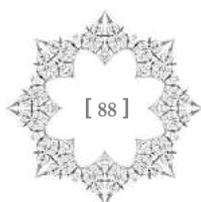
Sobre a autora: Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma Mulher Intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap).

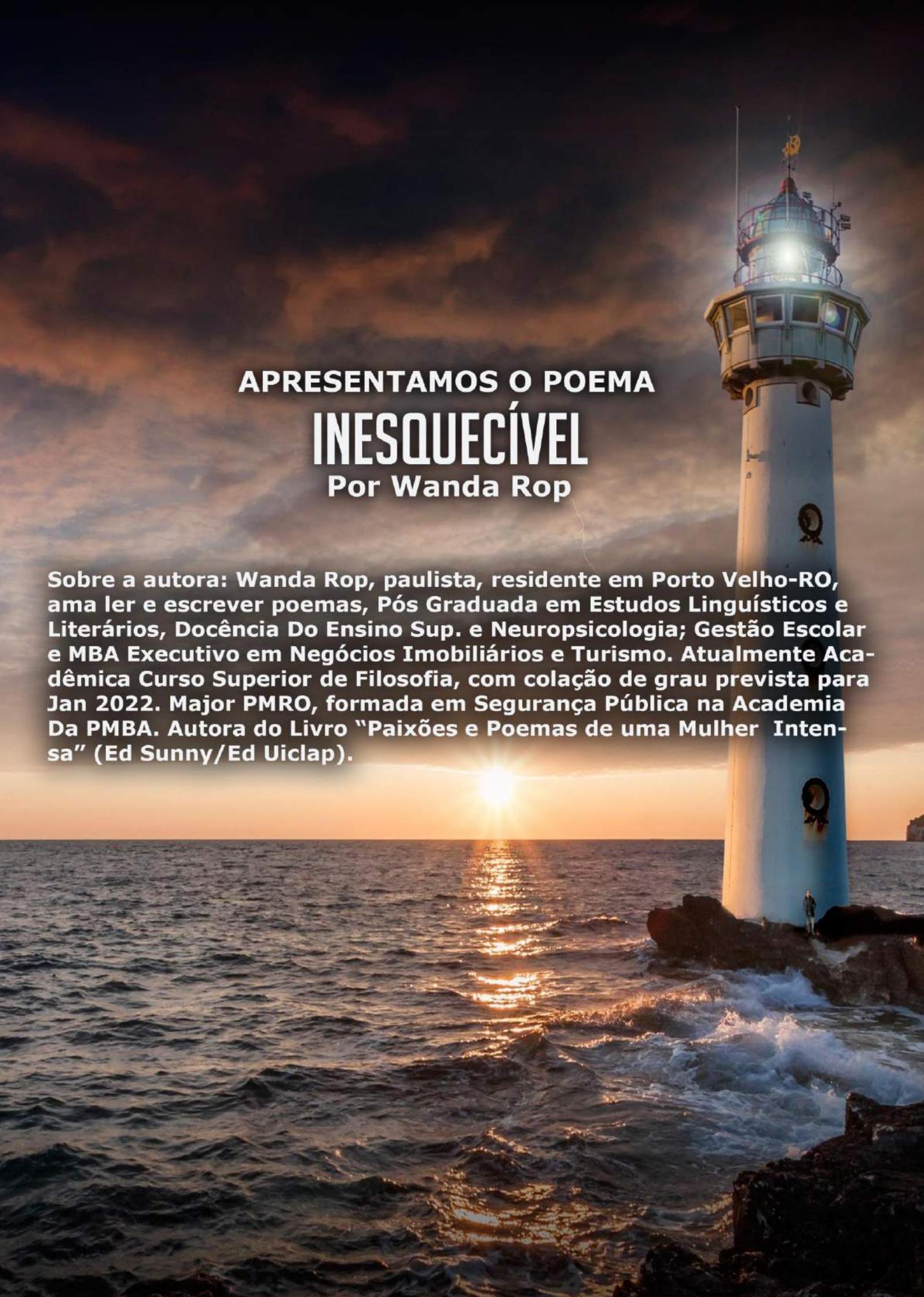
Sou fascinada pela beleza do sol
Os seus raios iluminam minha essência
Admirando momentos simples
Sentimentos, loucura e carência

Ao pôr do sol eu transcendo
Envolvida em seu abraço acolhedor
Meu corpo estremece ao seu toque
Sinto seu beijo sedutor

Pareço imortal envolvida em seus braços
Nada pode me abalar
Então, após o beijo na boca
Nada irá nos separar

Amar é algo perigoso
Pode nos levar do céu ao inferno
No enigma existente entre as almas
Desejamos somente um amor eterno





APRESENTAMOS O POEMA
INESQUECÍVEL
Por Wanda Rop

Sobre a autora: Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma Mulher Intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap).

O amor pode ser intrigante
E surgir de momentos inusitados
Se você procurar muito
O amor pode nunca ser encontrado

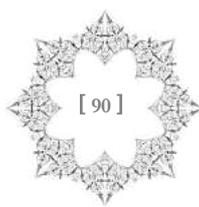
E num desses verões
Quando a tristeza invadia a alma
Eis que surge por acaso
Um sentimento estremecendo a calma

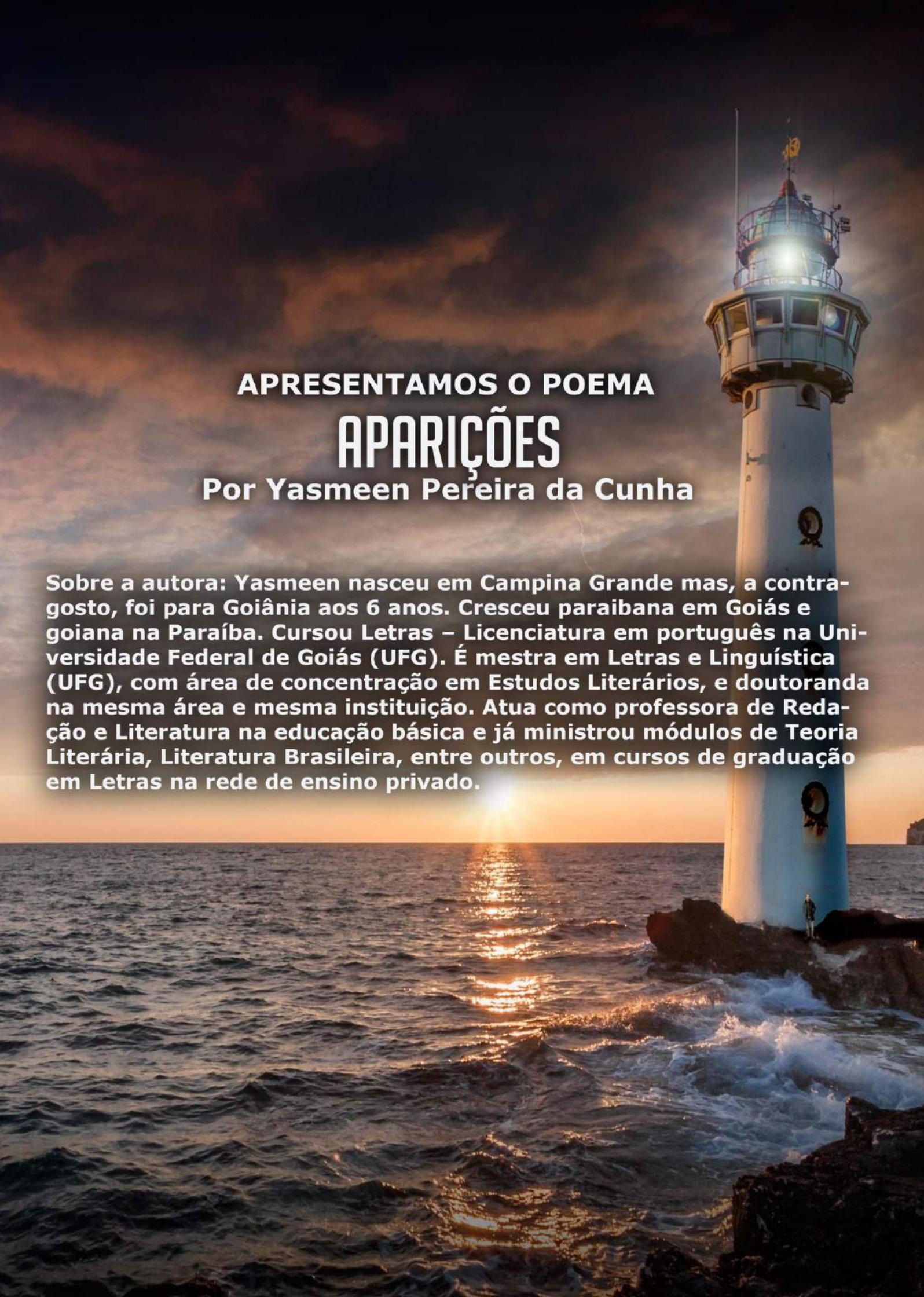
Aqueles olhos sedutores
De um brilho azul sem fim
E meu coração acelerado
Ao ver você se aproximar de mim

O calor do fim da tarde
O belo pôr do sol reluzente
E o primeiro beijo
Ainda vive em nossas mentes

Passados tantos anos
A distância tudo destrói
Ao me lembrar do primeiro amor
Sinto que a alma ainda dói

Se pudesse voltar no tempo
E admirar o seu olhar
Eternizaria o nosso momento
E para sempre iria te amar





APRESENTAMOS O POEMA
APARIÇÕES
Por Yasmeen Pereira da Cunha

Sobre a autora: Yasmeen nasceu em Campina Grande mas, a contragosto, foi para Goiânia aos 6 anos. Cresceu paraibana em Goiás e goiana na Paraíba. Cursou Letras – Licenciatura em português na Universidade Federal de Goiás (UFG). É mestra em Letras e Linguística (UFG), com área de concentração em Estudos Literários, e doutoranda na mesma área e mesma instituição. Atua como professora de Redação e Literatura na educação básica e já ministrou módulos de Teoria Literária, Literatura Brasileira, entre outros, em cursos de graduação em Letras na rede de ensino privado.

1ª aparição:

Ela que caminha e olhos que olham.
As tempestades trazem ventos fortes,
primitivos, que desfazem a visão.
Uma mulher de beleza peculiar.
Intraduzível, valem as tentativas.
O barulho que o vento faz,
girando dentro dela em forma vertical.
Em pé, vertical. No centro de tudo.
Um assovio, rápido e, por vezes, devagar.
Ela não tem medo da força em si
e aceita o risco pelos outros.

2ª aparição:

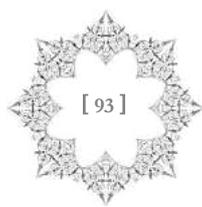
Uma mulher,
de beleza peculiar,
dança.
A beleza peculiar de,
com os braços,
movimentar os ventos,
que soam músicas.
O giro circular,
os pés deslizam.
Os braços abertos,
verticais.
Um círculo maior
que é sua melodia.

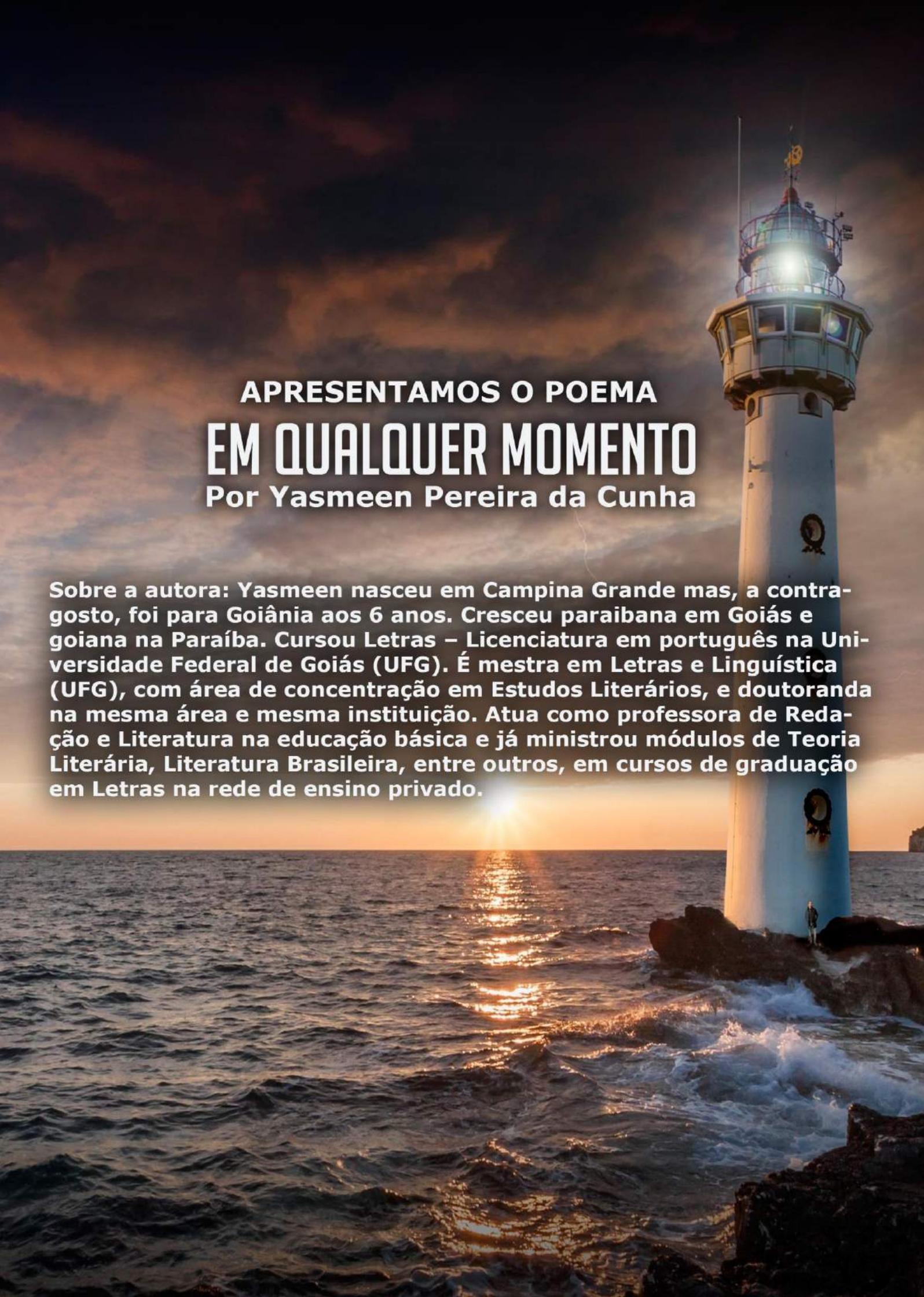
3ª aparição:

Esses ossos vão perguntar:
Por quê?
Tentando lembrar,
onde mais gira,
quem realmente sou.
Eu mesma, porém,
é sempre um desejo.

Quem eu era
dormindo naquela noite?
Sou a sensação de contínuo.
Tento acreditar que às vezes,
às vezes é menos desejo.
Não marcho comigo mesma,
porque não sei quem eu era antes.

Uma contenção no meu peito
espalhada pelo chão.
E tudo é apenas o desenho de ser.
Continuamente.
Eu sei, eu disse,
que esses ossos vão perguntar por quê.
E não sei como era antes,
dormindo naquela noite,
porque alguma parte de mim,
sempre vai desejar.





APRESENTAMOS O POEMA
EM QUALQUER MOMENTO
Por Yasmeen Pereira da Cunha

Sobre a autora: Yasmeen nasceu em Campina Grande mas, a contragosto, foi para Goiânia aos 6 anos. Cresceu paraibana em Goiás e goiana na Paraíba. cursou Letras – Licenciatura em português na Universidade Federal de Goiás (UFG). É mestra em Letras e Linguística (UFG), com área de concentração em Estudos Literários, e doutoranda na mesma área e mesma instituição. Atua como professora de Redação e Literatura na educação básica e já ministrou módulos de Teoria Literária, Literatura Brasileira, entre outros, em cursos de graduação em Letras na rede de ensino privado.

O tempo, talvez, possa ser o que flui
mais lentamente com o aumento da velocidade.
Mas o tempo pode ser aquela nuvem estática
num céu que forma um desenho só seu
enquanto a Terra gira e a gente não percebe.

É possível dizer ainda que o tempo
não é o frio e o calor dos espaços,
mas aquela sensação que te pega, de repente,
na barriga ou num abraço que afaga.

Há também a possibilidade de o tempo
ser tão somente a impressão de coisas
que se foram ou o que está acontecendo agora.
É, então, lembrança e decisão do instante.

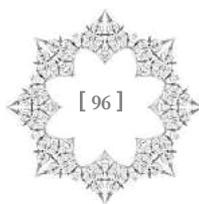
Se houve o tempo de errar, de errar
de novo, mas também de acertar e continuar,
o tempo é o que decidimos o que ele é.

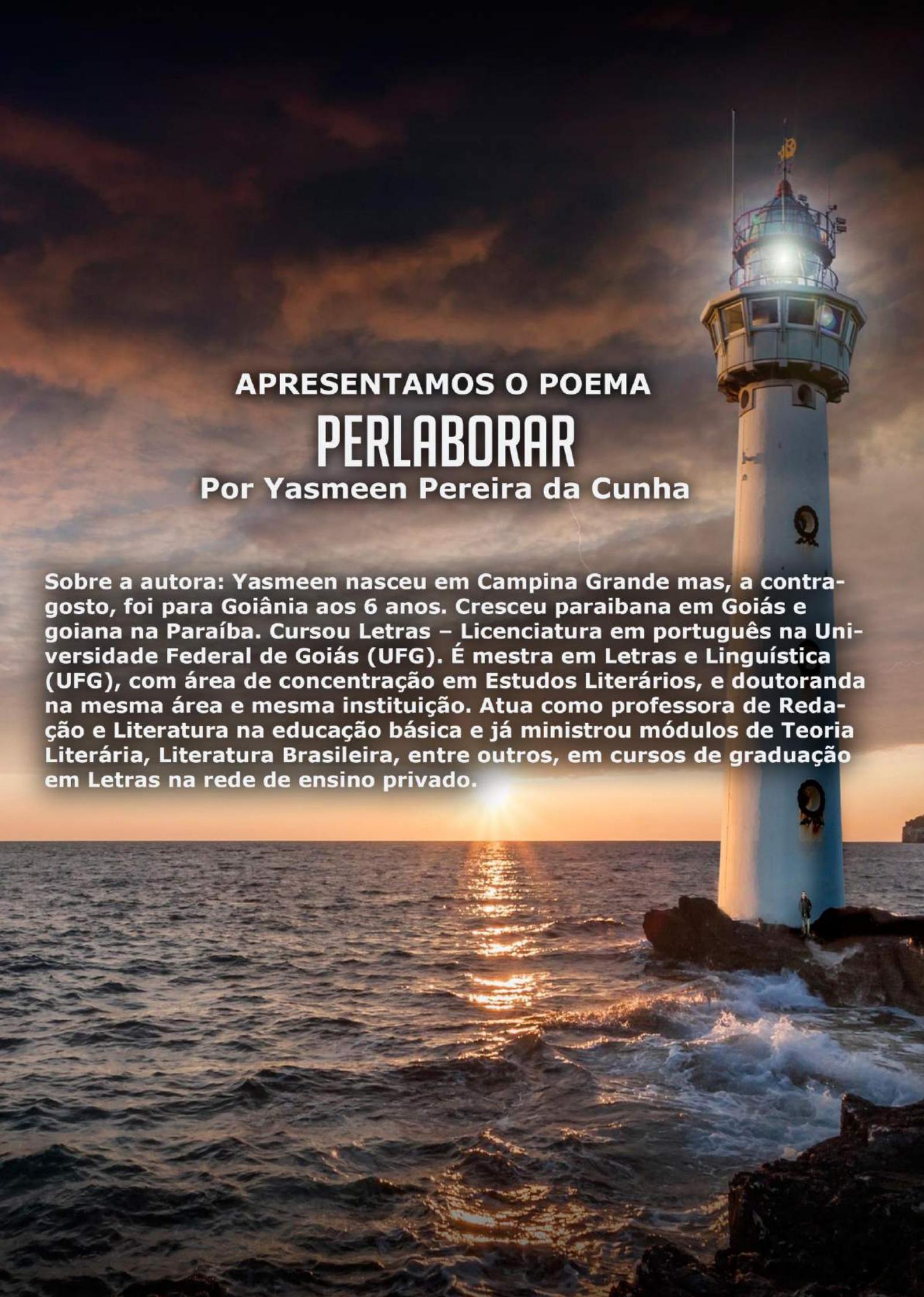
As marcas do tempo permanecem
na cabeça de quem decide guardá-las
para o efeito que cabe àquele que se dedica a lembrar.
Porém, sempre é tempo transcorrido,
tempo que ainda virá.

É como quando as árvores param de crescer,
para poupar energia, e dormem.
É como o tempo de acordar e florescer,
o início de uma nova jornada.
Existe um tempo de crescer e compartilhar,

e nisso o esforço é visível.
Como que num ciclo, há tempo de cair,
porque há coisas que afetam independente da vontade.

Quando os ventos dos tempos vêm mais rápido
é porque tem de ser.
A firmeza dos pés no chão,
a mão daquela pessoa que você segura,
o que te move para não perder nada
com a violência que o tempo pode adquirir.
Tudo isso é o que o tempo não pode arrancar
em nenhum momento de tempo.





APRESENTAMOS O POEMA
PERLABORAR
Por Yasmeen Pereira da Cunha

Sobre a autora: Yasmeen nasceu em Campina Grande mas, a contragosto, foi para Goiânia aos 6 anos. Cresceu paraibana em Goiás e goiana na Paraíba. cursou Letras – Licenciatura em português na Universidade Federal de Goiás (UFG). É mestra em Letras e Linguística (UFG), com área de concentração em Estudos Literários, e doutoranda na mesma área e mesma instituição. Atua como professora de Redação e Literatura na educação básica e já ministrou módulos de Teoria Literária, Literatura Brasileira, entre outros, em cursos de graduação em Letras na rede de ensino privado.

Para onde é que o vento vai quando morre?

— Moça, sua beleza é tão peculiar,
tantos morreram desejando a vida,
por que o vento quer morrer?
Ele criou, ele tira.

Palmas das mãos pra cima,
conjurando o vento da decisão.

— O que é que você lê?

O vento passa rápido as folhas,
compreende as palavras,
conhece e é conhecido.
Mas quando é de ser furacão,
é decisão para ser, depois, brisa.

Para onde é que o vento vai quando morre?

— Moça, só você pode saber.

E

Dançamos a última canção
como um rugido horrendo.
Ela passou, apenas passou,
criou a sensação de: mas já?
É sempre uma falta.
A falta de mim foi amor?
Devo renunciar minha música?
Vento vertical, vórtice.
Voltar?

E

Às vezes, olho
para os lados.
Como podem entender?
Meu corpo, se para,
é dissipação.
Olhos à frente.

E

Houve uma mulher que
se prendeu numa narrativa que existe.
Ficou desenredando nós por horas.
Depois encontrou uma bruxa velha
tão velha que não teve medo.

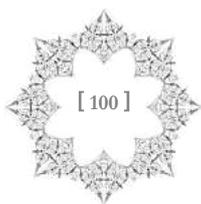
Descobriu que podia manipular
o movimento natural que é o vento.
A bruxa velha disse: faça uma música.
E a mulher fez. Sonoridade devagar e leve.
A feiticeira continuou: agora é você.

Aqui é o lugar e o tempo do vento,
pensou aquela mulher de beleza peculiar.
Pensou com toda a certeza: sou feita de ar.
O ar que sopra minha cabeça,
que balança os meus tormentos.
Não há controle, limite ou medida.

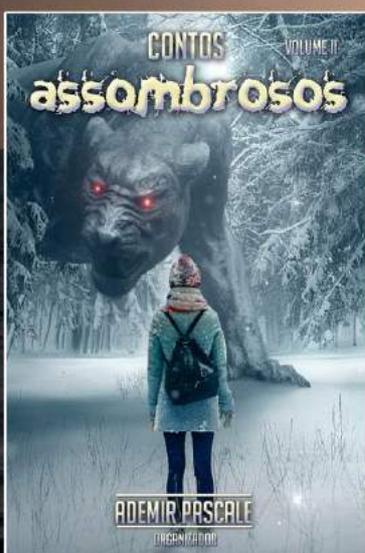
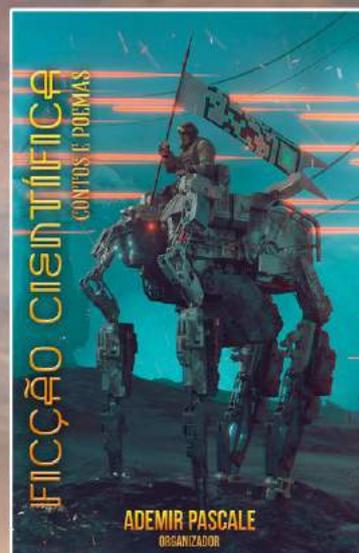
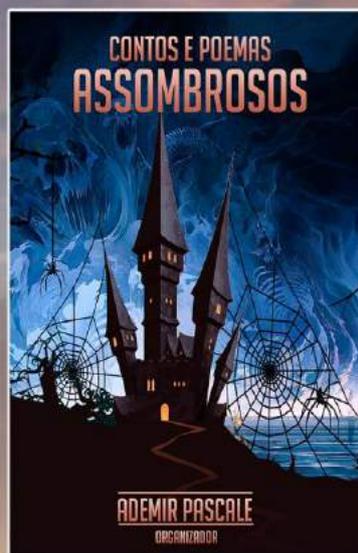
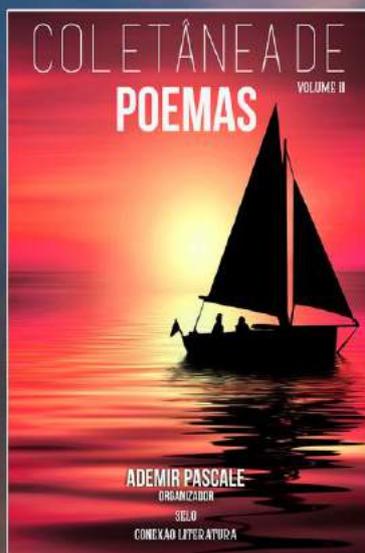
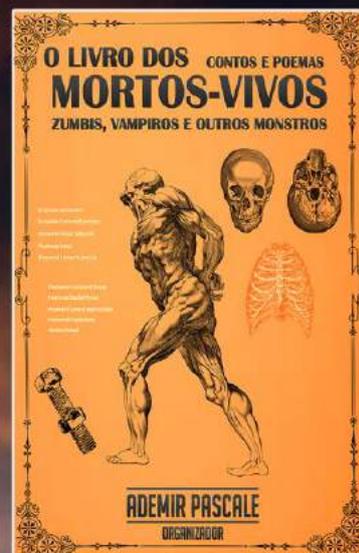
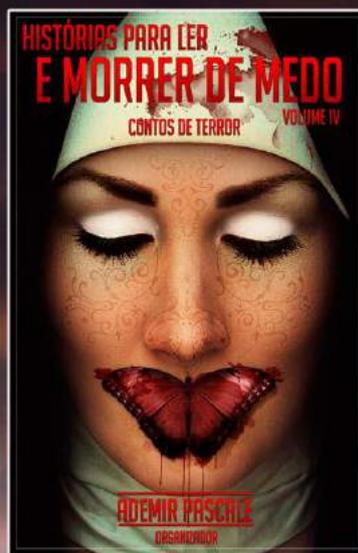
E

Em pleno júbilo, informou:

Eu sou feita de ar.
Uma nova música veio, mais forte,
mais rápida, com arrependimento.
Aquele mulher de um elemento só,
os cabelos pretos, longos,
levantados pelo ar,
criou um círculo de música,
música em fidelidade a si.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI